



M. C. Casode Andrade

FLORES SINGELAS

DE

M de C. Laes de Andrade

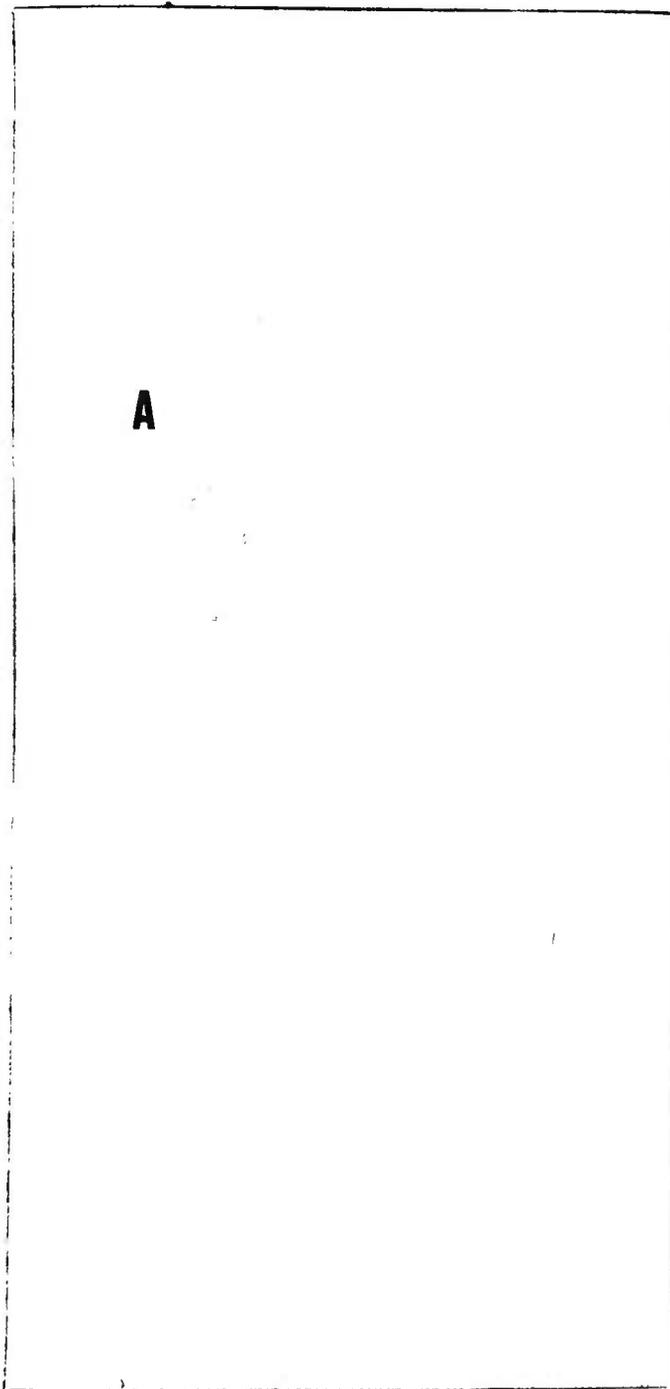
NATURAL DE PERNAMBUCO.

PRIMEIROS CANTOS.

PERNAMBUCO.

1861.

Typ. Commercial de Geraldo Henrique de Mira & C.
Rua Estreita do Rosario n. 12



*L'âme a peu de beaux jours ; mais, dans son ciel obscur,
L'amour, soleil divin, peut dorer d'un feu pur
Le nuage errant de la vie.*
(V. HUGO.)

DUAS PALAVRAS

À PROPOSITO DAS

FLORES SINGELAS.

Poucos, bem raros são os espiritos novos, que, n'este seculo de indiferença e de calculado egoismo, se não abaixam para as regiões obscuras do scepticismo e da descrença completa.

Não é que a mocidade se não levante fervida, e lá bem no intimo d'alma lhe não tumultue uma esperança viva, um quasi instincto generoso, que a dirige por vezes, em muitos sonhos ledos e brilhantes, para um futuro melhor, para um porvir de proporções bellas e porventura gigantescas. E' o segredo das grandes aspirações d'alma, que, n'essas idades de gózos e de fantazias doiradas, sobe ao de cima dos sentimentos e das ambições vulgares, e se deixa repouisar, repleta de jubilo e de purissimos affectos, n'um mundo estranho, de visões e de idealidades sublimes.

São curtos, porém, esses periodos da vida para as intelligencias, que se abraçam com as tradições do passado, e que procuram além, no indefinido volver das épocas e das gerações, o marco milliario, o padrão unico da felicidade, para complemento de seu destino moral.

As sociedades percorrem rapidas um circulo que lhes é traçado ; e quando, após muitos dias de uma crença robusta, erguem-se no horisonte da humanidade nevoeiros, e por lá remoinham ventos precursores de alguma tormenta que ainda vem longinqua, o espirito decae para logo no

abatimento e na languidez, que são as ante-pro-
logos infallíveis da transformação, ou, antes, da
desorganisação social.

Vivemos nós, filhos de hontem, herdeiros de
um passado nebuloso, carregados com recorda-
ções amargas e tristes, n'um presente de intibia-
mento e de quasi total inacção para as coisas da
intelligencia e do ingenho. Materialisou-se de
sobra o seculo em que vamos ; e, á força do re-
quintar e de apurar a actividade nos mil proces-
sos da industria e do interesse commum, lindou-
se por constituir a theoria do *industrialismo* e do
interesse individual, que vão direitos á philo-
sophia practica do egoismo, e ante os quaes o es-
pirito recua espavorido e aterrado.

A apothiose da materia deu quasi em terra
com o edificio custoso do saber, que os informes
programmas de uma educação desregrada iam
pouco a pouco, d'ha seculos a esta parte, redu-
zindo a templo despovoado, ou — quem sabe ?—
a montão de ruinas apparatusas. A' repulsiva
mescla de principios incongruentes veiu unir-se
bem depressa, para completar o desaccordo das
idéas, o emprestimo escusado das doutrinas anti-
sociaes, anti-religiosas, anti-artisticas dos seculos
pagãos ; e a civilisação, vasada n'um molde de
semelhante natureza, campêa hoje mais material
do que espiritual, mais pretenciosa de que judi-
ciosa, mais arithmetica e calculadora do que in-
vestigadora e racional, mais dextra, no alphabeto
dos lucros e da mercancia do que sabedora dos
segredos ultimos da intelligencia.

Bem haja a reacção que se prepara, pelas
obras e pelos trabalhos de alguns espiritos nobres
desta mesma geração, e desta mesma idade em
que vamos ! Prepara-se ella, e já vem auspicio-
sa em algumas tendencias, que bom será não des-
vairem, ao cabo do seu caminhar, em meio de
luctas e de fadigas !

O mundo social, que se fórma pela impressão e pelo resultado das idéas, dos principios e dos habitos, nasce talvez primeiro das lettras e das artes do que das sciencias propriamente dictas. A descrença, se é que por vezes lavra profunda nas camadas sociaes, insinua-se tençoeira e fallaz nas concepções do ingenho ; e á própria imaginação não raro succede esparecer e derramar-se quasi espontanea pelo amplissimo espaço de inspirações fabricas, ou, ao menos, semsaboronas e desmorañsadoras, se a athmosphera em que gyra impregnaram-n'a os vapores deleterios da corrupção e da licenciosidade. E por isso, do quadro em que se nos representa a sociedade de hoje, com seus fingidos adornos, com seus mal disfarçados habitos e pensamentos pagãos, com sua estudada severidade *sceptica*, e ainda mais com sua inculcada *philantropia estoica*, ahi vemos perfeitos e acabados transumptos nos trabalhos do espirito e do ingenho, pela maxima parte estereis, descambando para a descrença, e com seus laivos de impio indifferentismo.

A mocidade, em tal caso, se propende para o progresso, em razão das proprias aspirações que a levam adiante, no estadio da vida moral e social, absorvem-n'a logo os calculos maus do egoismo, os perfidos raciocinios da politica, que é a mais impolitica de todas as combinações do amor proprio e do interesse privado ; e até vem a ser ella subjugada pelo braço de ferro da indiferença, que lhe mata uma a uma as instinctivas tendencias.

A poesia transubstancia-se quasi toda no pensamento e no sentimento geral de uma época, e de uma geração dominante ; e se as que passam hoje por diante de nós vão repassadas desse mal entendido orgulho cortezão e material, ahi se extravasa a poesia — a primogenita das artes e das tradições litterarias — em milhares de produções

hybridas, informes, fataes arremedos dos cantos e das lendas de outros povos, de uma civilização imperfeita, bastarda e anti-social.

O poeta deixa então de ser creador, para tornar-se especulador ; despe-se dos atavios garbosos d'arte, para enropar-se na capa immunda do cynico ; desbarata-se-lhe a fantasia nos excessos do imaginar de um romantismo deslavado e extravagante ; e depois, o que devêra ser apóstolo da regeneração moral, mediante o poder da palavra magica, de que a arte o constituiria depositario, vai-se pelo mundo immenso das imitações servís, e das dontrinas politicas e philosophicas, que se lhe poem diante.

Eis a razão unica do marasmo, que fatalmente accommette a mais de uma intelligencia nova, ao querer transpor o limiar em que se concentra, e arremessar-se, muito além, nos dominios da *publicidade*. Eis a causal primaria desses tropeços tão communs nas primeiras edades, dessas inacções vulgarissimas, que atacam de preferencia os talentos nascentes, em materia de letras, e que os fazem muitissimas vezes morrer, ao mais leve passo que deem. A fallencia de estímulos intibia e intorpece os ingenhos ; e a cruzada infrene dos especuladores e dos industriosos, que mal conhecem a arte, e a olham insensíveis ou com o sorriso do desprezo nos labios, desaponta os noviços manobreadores litterarios, e os entrega, sem recurso, ao mar tempestuoso da opinião dominante — que é o Capitolio para a materia, e a Tarpeia para o espirito.

Somos todos — que nos identificamos com o destino das artes, das sciencias e das letras — quasi uma classe à parte, que vive de seus proprios esforços, no combate diuturno e improbo das idéas e dos sentimentos. Obscuro expectador do que vai por este mundo da moderna sociedade, apraz-nos por vezes confrontal-a com as socieda-

des passadas ; e a Roma, que vemos de longe levantar-se impudica e egoista, no seculo famoso da dominação pagã, e da estulticie philosophica dos Catões e dos Senecas, desenha-se-nos em traços pallidos, mas perceptíveis, á plena luz deste seculo, em plena civilisação que se ufana e alardea de ser pensadora eminente. Os vicios e as paixões que lhe pullulavam lá dentro, no seio offegante, após o fervor cego das batalhas e o gozo inebriante das conquistas, traduziam-se de plano em sua litteratura, esplendida sim, mas que já propendia talvez para uma decadencia prematura, devida, na maxima parte, á depravação do gosto e á má educação do espirito. Sobrenadando no seculo que vai correndo muitas memorias desses seculos idos, e tão pesados de immoralidade e de corrupção : transpiram aqui e alli, n'esta nova sociedade, presa ás antigas pela filiação e pela herança ininterrompida dos habitos e das tendencias exoticas, milhares de idéas falsas mas deslumbrantes, que, de uns a outros, se transmitem com a rapidez da electricidade, por todos os pontos do mundo moral. Perde a litteratura com isto; e, mais que todas as riquezas litterarias, perde a poésia, cujas concepções amoldadas a esse typo rançoso, mas que se remoça de dia para dia, resentem-se, por via de regra, da impureza da origem, e da rudeza da creação artistica e natural.

Quando se tem chegado n'uma época, superficial por excellencia, e, mais que tudo, eminentemente material, a fazer convergir para um só ponto as aspirações do espirito e até a *materiá-lisal-o* mesmo ; quando se tem ido ao excesso de erigir estatuas aos idolos do orgulho e da impudencia, personificados nos innumeros caracteres vivos das paixões ruins e egoisticas ; é certo que as letras, e com ellas a poesia, descem do pedestal eminente que lhes compete, para irem ro-

jar-se no chão imundo, por onde se arrastam sordidos os sacerdotes do erro e da degeneração social. Em taes conjuncturas, a mocidade que se ergue, e que aspira caminhar para diante, abalançando-se para melhores e mais bonançosos futuros, topa de frente com barreiras quasi insuperaveis, que lhe apparecem de tropel, na indifferença de alguns, na malevolencia de muitos, e no scepticismo de quasi todos. A fonte das inspiraões secca-se-lhe de uma vez para sempre ; vem logo após o desalento e a inanição, inseparaveis do menospreço que a aguarda ; e das alturas do céu, por onde se desprendia a imaginação creadora e arrojada, cae ella — oppressa de cansaço — nos abysmos de um inferno, peor mil vezes que esse outro, fantasiado no mytho ingenhoso do Lethes.

Não admira, pois, que, ao passo que a industria progride, e que os meios de actual-a surgem aos centenares n'este periodo social a que pertencemos, a poesia, o sentimento do bello, se vá a desvanecer lentamente ; ou que, por outro lado, se revista, sem pudor e sem modestia, desses europeis sedições do mundo positivo e material, desses falsos brillos de uma sociedade nova, mas já rachitica e myrrhada.

Louvaveis, portanto, bem merecedores de applausos, serão sempre aquelles espiritos robustos, que, bem longe de se deixarem vencer pela apathia, filha primogenita do indifferentismo, se atiram impavidos para o campo, em que a lacta dos principios se trava mais intima e compacta. Invejaveis até são essas musas nascentes, que não se mancham no lodagal dos vicios, nem descem ao manancial infecto das paixões odientas. Bem invejaveis são ellas, porque soltam-se em vôos audazes porém seguros, sem renegar á crença que se lhes embebera n'alma, ao primeiro desabrochar da vida, sem preterir as doçuras do amor

patrio, do amor da familia, da esperanza em Deus. Nomes vanissimos aos ouvidos e á alma dos poetas descrentes, que nem poetas nem homens podem dizer que serão em toda a serie das idades e das revoluções litterarias, *a liberdade, o amor e a fé* sôam formosos e admiraveis para os verdadeiros cultores d'arte, que não os querem deprecia-dos, porque os comprehendem na muda expres-são dos affectos e das commoções intimas.

Bemvidos sejam ao banquete da intelligencia, todos esses campeadores sinceros e fervorosos na lida incessante das lettras! Bemvinda essa reacção espontanea do sentimento ardente da mocidade para as obras elevadas do espirito e do ingenho! E' uma reacção maravilhosa, que augura triumphos duradouros e magnificos, um quasi ante-gosto das delicias embriagadoras da arte, na traducção simples mas encantadora da natureza.

Ainda bem que, entre nós, a escola da materia e a da materialisação para a poesia, em geral para as lettras, vão encontrando adversarios infatigaveis em alguns dos novos talentos, que pensam e sentem ao revez da cartilha dos pensadores communs, e dos maus theoristas da época. A poesia, para nós todos, filhos desta geração estupidamente racionalista e calculadora, quér a considerem nacional, quér a tenham na conta de emprestada e imitadora, ou a baptisem de *classica*, ou a chrismem de *romantica*, sempre e em todo o tempo será bella, será louçãa, será inspiradora, além de inspirada, se a bafejarem no berço com as crenças da infancia, na mocidade com as tradições e a historia da patria, com os sopros beneficos da fé e da verdadeira liberdade social, e se ainda adiante lhe fizerem reaparecer, no seu longo estadio, as grandezas da Cruz, e as delicias do lar domestico. A reacção que vem proxima fará isto, graças aos esforços de alguns mancebos, cultores incansaveis da litteratura e da poesia; por cujo duplo, ou, an-

tes, unico interesse, como por uma causa de vida e morte, para a sociedade e para o mundo moral, combatem já na arena publica do jornalismo, e em obras de mais vulto e de innegavel merecimento.

E' n'essa phalange de novos lidadores litterarios que vemos figurar o Sr. Manoel de Carvalho Paes de Andrade, cujo volume de poesias, sob o titulo de — FLORES SINGELAS —, temos n'este momento diante dos olhos. Mais uma prova do nosso asserto, e da veracidade das proposições que emittimos, esse livro encerra, de feito, as flores simples mas sympathicas da existencia de um poeta, que, ainda nas primeiras quadras de seu intellectual desenvolviméto, se embala e se embevece de todo nas crenças e nas tradições grandiosas d'arte, e se levanta com o espirito livre, e com o coração palpitante de amor e de patriotismo, para os magestosos destinos da verdadeira e genuina civilisação. E' que seus cantos, repassados do sentir sincero que lhe brota espontaneo d'alma, traduzem-lhe, uma a uma todas as impressões da vida: é que suas inspições, hauridas n'uma fonte pura, não vão mesclar-se nos destemperados devaneios da escola sensualista, que deturpa em muita parte a poesia moderna; e nem se rebaixam ao nivel abjecto das concepções materialisadoras, com que nos aturdem os ouvidos não poucos ingenhos pervertidos e bastardos. Novo na senda por onde se arremessa, o Sr. Paes de Andrade soube harmonisar, em suas produções poeticas, o bello da *idéa* com o *elegante* da fôrma; e cremos que, se o estudo lhe avientar ainda mais o estro, com a idade e com a applicação, virão depois, em um futuro não muito remoto, novos titulos de benemerencia á sua musa, já feiticeira e galante. Grande importancia ligamos nós a esses trabalhos do nosso estimavel conterrano, porque se nos revelam como os fructos de uma imaginação, que não

se deixa possuir das vagas aspirações do presente, e antes se atira impavida e sinceramente generosa na carreira da esperança, com fé inabalável nos ulteriores e melhores destinos do mundo social. Se elle—o poeta novo—descambasse para o atheismo, e se lançasse desvairado no grupo dos indifferentistas da época, ou se fosse alistar na cohorte dos vates sem consciencia, que ousam falsear o idioma divino d'arte, prostituindo-o ás exigencias das paixões e dos preconceitos excéntricos da actualidade, seríamos nós o primeiro a retrair-nos para o mais profundo silencio ; e do nosso humilde gabinete lhe não acenariamos uma só vez com o minimo signal de amizade e de approvação. Deixa'ojamos passar na turba dos fantasiadores obscuros, dos creadores de materia indigesta, dos papagueadores da palavra magica dos Hugo e dos Manzoni ; e, para nós, o triumpho que lhe rebentasse nas praças, e os loiros que lhe cingissem a fronte, teriam, por certo, significação nulla. Em boa hora, porém, e com boa estréa veiu elle : a musa que o bafeja dá ares de nova, porque o é realmente, mas vê-se-lhe o gosto e a unção d'arte, nos vãos que desprende já, bem formada e cuidadosamente educada. Protesto vivo contra a litteratura illegitima, e contra a pseudo-poesia, que se curva no pó e no materialismo *sussurante* da moderna theoria social, do *agio* e do *industrialismo*, é esse livro do Sr. Paes de Andrade um bem ordenado ramalhete, com suas fragancias delicadas, e com seus mimos de nativa pureza.

O mister de bibliographo e critico levar-nos-ia, talvez, á obrigação de transcrever aqui algumas das melhores poesias, que formam o seu monumentosinho elegante e de primor. Abstemos-nos, entretanto, desse compromisso; bastando-nos ponderar que o estro do nosso poeta, que se eleva nos sonhos e nas fantasias, com garbo e singeleza, como na propria *Fantasia*, no *Enlevo*, no

Jasmin, e na *Nebulosa*, remonta robusto e com bellas proporções nos cantos liberaes e patrióticos, a que a historia sublime da nossa patria commum o foi conduzir por naturalissimo instincto. Realçam-lhe o amor e o sentimento esses hymnos de verdadeira ingenuidade poetica, pelos quaes o espirito e a imaginação esparecem satisfeitos e em pleno contentamento ; e, se alguma flor ha ahi de mais original perfume, de mais primoroso matiz, é inquestionavelmente o *Botão de Rosa Branca*, inspiração mimosa, que, unida á poesia *Quinze annos* seria bastante para constituir e firmar a reputação poetica de quem quer que fosse.

Eis, em franquissima linguagem, tal qual nos prezamos de fallar, as impressões de que nos possuímos pelo livro de poesias do Sr. Paes de Andrade, e por elle mesmo. Pequeno, mas sincero propugnador do progresso, devemos uma palavra de affecto, de animação e de attenta homenagem aos mancebos que sabem, como o Sr. Paes de Andrade, cultivar o proprio ingenho, sem prejuizo para a educação e para a desenvolução moral d'arte. O publico — mau grado as calculadas manobras da indifferença e do egoismo —, cederá ao poeta o lugar que lhe pertence ; e nós desde já temos para o poeta e para o amigo o abraço da sympathia e do respeito.



QUADROS E TYPOS BRASILEIROS.

Manoel de Carvalho Paes de Andrade.

« L'homme qui combat et souffre en
marchant vers un noble but, présente
certes un beau spectacle... »

« BALZAC. »

I

Mais um livro vai surgir á luz publica : e um livro que não se occupa de exposições industriaes nem agricolas, de combinações algebricas nem tignometricas, de calculos economicos nem banca-rios. O apparecimento de mais esse livro dá-nos que pensar, e merece senão exige palavras animadoras e sinceras.

Dá-nos que pensar o livro que temos ante os olhos, porque a nossa sociedade pervertida e immoral como anda, deve inculcar nos animos jovens o caracter antes das decepções profundas, que produzem a gelidez e a morte em todos os affectos extremos ; deve produzir primeiro os effectos das injustiças repulsivas e tãcanhas, os desalentos das perseguições odientas selvaticas, que, nos animos poetisados, embebe-os bem cedo, do tedio da vida, dos homens e das cousas.

A illusão que se rasga em um seio joven e inspirado, é uma morte rápida, ou uma agonia atroz e profunda : que ao Dr. Ribeiro da Cunha fez baptisar os seus versos de — *Cantos e Prantos*; — ao Sr. Cezario de Azevedo — aos seus de — *Illusões perdidas*; e pois a sociedade que tão cedo faz prantear e entristecer a juventude talentosa e moralizada; ardente e apaixonada, se deve surpreender de que em seu grémio polluido appareçam vocações, e ensaios, como do livro de que nos occupamos, que revelem vôos do espirito, rasgos do coração, e proclamem os principios eternos e immutaveis da autoridade sobre o poder, do bem sobre o mal, do justo sobre o injusto, do bello sobre o feio, incongruente e repulsivo. Que merece se não exige palavras animadoras, porque não só toda producção litteraria em um paiz novo requer estimulos; como porque, para chegar-se a publicar um livro qualquer, preciso é que a commoção seja nobre, que a vocação seja sincera, que a vontade seja firme e vehemente, e que o talento, gire em que esphera girar, tenha trabalhado e estudado não pouco.

Como diz Balzac : « o homem que combate e soffre com o fito em nobre fim, offerece sem duvida um bello espèctaculo... Ora, abalançar-se qualquer a trazer à luz de um publico indifferente e egoista; — um livro que é mais ou menos a collecção de muitas esperanças fecundas, de muitos soffrimentos sinceros, de muitas confissões intimas do coração e da cabeça, é sem duvida um esforço que merece estima e applauso, e neste caso está o autor das FLORES SINGELAS, o Sr Manoel de Carvalho Paes de Andrade.

As FLORES SINGELAS do Sr. Paes de Andrade, revelam um talento poetico de uma singeleza e naturalidade admiraveis; um pensar moralizado e cavalheiroso, uma fecundidade e vocação sem duvida auspiciosas, e é ainda sob um tal ponto de

vista que, o seu livro modesto e mimoso, merencorio e natural, ou *singelo*, como lhe elle baptisa — que não nos podemos furtar as palavras animadoras que merece, e um lugar na tosca galleria que compomos sob o titulo de — Quadros e Typos Brasileiros.

II

O livro do Sr. Manoel de Carvalho Paes de Andrade, e que tem por titulo — FLORES SINGELAS — manifesta-se aos impulsos de dois moveis subidos do coração humano; o amor da patria, e o amor da mulher; aquelle antecedendo a este. E nem podia deixar de assim succeder. O autor das FLORES SINGELAS passára os verdores da idade por detraz daquella cordillieira de ridentes montes — os Guararapes — que em simi-circulo enquadram o Recife entre o azul ferrete de um céu tropical, e o verde gaio das vagas espinhosas espreguiçando-se ás plantas dos bosques de coqueiros, cajueiros e mangabeiras, suavemente agitados pelas brisas oceanicas, sob uma atmosphaera limpida e azul.

Antes pois que o Sr. Paes de Andrade aprendesse o idioma symbolico do amor feminil, os olhos se lhe acostumaram ainda ignaros, a ver do cume dos Guararapes, as posições estrategicas da Casa-forte, do Arraial, Remedios, Cinco-Pontas, Salinas, Passagem e Mauricéa; os pés infantes tropeçaram muita vez nos esticalhos dos trabucos e granadas, das lanças e alabardas; e a noite, quando a lua corria solitaria e magnifica na amplidão azul dos céos; as auras nocturnas cantavam-lhe aos ouvidos hymnos mysteriosos de nossos feitos, e desalinham-lhe os cabellos; a voz maternal balbuciava-lhe o poema monumental de nossas glorias, aquelle canto mago de infinito amor patrio composto ao estridor das armas, e murmurado á sombra da ramagem virgem das mattas, da natu-

reza esplendida do Brasil, sob a abobada estrellada do Cruzeiro.

Aunos depois é que o poeta procura traduzir aquelles enignas das ternuras maternas, aquelles sons merencorios do amor da patria e da familia, e que então a memoria evocando-os, fazia-lhe a rasão conceber o que significavam Rebellinho, Tavares, Felipe Camarão, João Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros, Donna Clara Camarão, Henriques Dias, heróes de tantos feitos, que por largo tempo fizeram tremer as columnas vegetaes das matas virgens, alastrarem o solo com a folhagem das juremas, vacilarem os edificios recentes, bambalearem as estacadas fortificadas, voarem em hastilhas as bandeiras, com as pugnas-titanicas da restauração, onde os cantos dos *pagés* susurrados nos para-sões das mattas acalentava as tristezas e infundia coragem nos indigenas, emquanto os trabucos e as psalmodias christães arrojavam as hostes lusitanas de encontro aos esquadrões aguerridos da Batavia.

Quando o poeta, inspirado e desenvolvido, concebeo tudo que havia de maravilhoso naquelle quadro, de sublime naquelles feitos, de patriótico e magnifico naquelle poema, e a imaginativa se lhe ampliou aos luzeiros do estudo, da arte e do bello, o coração pulsou-lhe na arcada do peito: então traduzio com o metro a vehemencia das commoções patrioticas, na qual se vislumbra o toque fino e apurado, o traço natural e singelo, em um estylo que tem raios de luz como os do sol pernambucano, tem colorido como os sentimentos puros, e tem graça como tudo que nasce do coração.

Eis uma poesia do Sr. Paes de Andrade, que entre tantas, melhor a nosso ver, falla tanto d'arte, do bello, e do sentimento patrio:

— *Os Guararapes* — que têm trechos assim:

Pernambuco, essa perola mimosa,
Do Cruseiro esta parte abençoada
Patria dos Camarões, patria dos Dias,
Que na guerra mil louros conquistaram,
Contra o Hollandez que repellido fuge,
Os altos cerros tem dos — Guararapes.

E foi dos Guararapes sobre os cerros
Que a audaz Hollanda, banqueou vencida.

Aqui onde outr'ora mil balas gemeram
Mil settas romperam as gazas do ar,
Aqui onde a Hollanda prostou-se vencida
A' gloria subida — que Deos nos quiz dar,

Aqui onde vimos tão poucos dos nossos
Tornar em destroços — a armada Hollandeza,
Aqui nestes cerros nós temos escriptas
As nossas conquistas — e a nossa firmeza.

Aqui nestes cerros — custosos thesouros --
Plantaram mil louros os nossos avós!
Aqui é que temos a gloria e o renome
Que o tempo não some, legados á nós.

III

No livro, porém, do Sr. Paes de Andrade, além da poesia cujos trechos transcrevemos, ha outra que, sem tanto calor e movimento como aquella, tem o merito de encantar como um soido magico que se percebe a hora em que o sol rubro se attufa nas cordilheiras do occidente, a araponga descanta na espessura das capoeiras, a juruti arrula á margem dos ribeiros, o nambú solta gargalhadas estridentes e loucas, bandos de aves vôam a cata do abrigo, o rebanho bala no redil, a natureza opulenta de Pernambuco se veste de luz diaphana, merencoria e saudosa.

A poesia — Pernambuco — é a nosso ver, daquellas que pela singeleza da fôrma, naturalidade do metro, suavidade do estylo, e ternura do pensamento junta a uma melancolia tocante e commovedora, denuncia a verdadeira vocação do autor das FLORES SINGELAS. Parecendo antes um romance cantado ao pôr do sol, a poesia — Pernambuco — lembra-nos os gemidos do *pansvalismo* da Bohemia, os murmurios ternos da *gusta* da Croatia, de que tanto nos falla Merimõe, as canções hespanholas da Andaluzia, ou antes as notas magicas que murmuram dos tropicos nas aragens balsamicas de uma noite de luar magnifico nas solidões do campo.

Como o pôr do sol que reflecte toda saudade do dia, ou como a noite de luar que embala o espirito em scismares merencorios : assim a poesia — Pernambuco — tem o merito de revelar-nos toda a existencia do poeta, e arrastar-nos o espirito á reflexões phantasticas, suaves e melancolicas.

Não podemos furtar-nos a transcripção do romance do Sr. Paes de Andrade, que, de sua estrêa, é sem duvida uma flor sinceramente formosa, singela e mimosa.

PERNAMBUCO.

Eu nasci, Pernambuco, em teu sólo,
Onde os dias da infancia passei ;
Ausentei-me de ti, fui bem longe,
Fui bem... bem longe !... e voltei ;
Porque só no teu seio se vosam
As delicias que eu lá nao gozei.

Minha Mãi, minha amiga, ensinou-me,
Quando, infante, a fallar começava,
A dizer, Pernambuco, o teu nome
Junto ao nome de Deus ; e me dava
Muitos beijos, por ver como doce
De meus labios teu nome adejava.

Quantas vezes commigo no collo
 Minha Mãi, me embalando, dizia:
 « Cresce, cresce, meo filho ; dest'alma
 Serás sempre a mais grata alegria,
 Se teos pais, teos avós, imitando,
 Deos e a Patria tomares por guia. »

Eu cresci, e, cedendo ao meo fado,
 Para longe ausentei-me de ti !
 Longos annos de ausencia passados
 N'outras terras tão longe d'aqui,
 Foram tempos em que tristemente
 De meos dias a flor consumi.

E voltei . . . e ao ver-te de longe,
 Doce sonho pensei que sonhava:
 E inda mal o vapor em que vinha
 Em teu porto feliz ancorava,
 Venturoso por ver-te uma prece
 Santa e pura ao Senhor enviava.

Mas quão tristes os dias presentes
 Vão mudados dos dias d'outr'ora,
 Quando os ledos sorrisos da infancia,
 Despertavam com os cantos d'aurora,
 E no seio materno dormindo,
 Era a vida illusão seductora !

IV

Depois dos cantos patrios é que o Sr. Paes de Andrade, móvido pelo amor da mulher, acorda para cantal-as. Como o infinito das sensações que agitam-lhe o coração, assim nesta parte de seo livro, o metro modula-se na balada, no rimaço, na quadra e na sextilha.

O talento que se inspirara infante, quando os labios maternas derramavam-lhe no seio as commoções do amor da patria, não podia deixar de

amar também a mulher que primeira lhe descortinava a vocação poetica, com a *mão fidalga e mimosa* lhe indicava no extremo do horizonte aquelle mundo esplendente de visões encantadoras, aquella esphera lusente de magnificencias plantasiosas, aquelle todo de um mundo ignoto, mas anciado com impeto, imaginado com delirio, e fecundado com a esperança.

Tudo isso percebeo o sentio e autor das FLORES SINGELAS, para poder tanger a lyra; ora ás inspirações de uns olhos negros; ora, aos accordos de uma voz argentina e pura; ora, aos acenos de uma estreita mão alva e macia; ora, a um andar deleixado, gracioso e atrozmente sensual; ora enfim, ás scentelhas de um espirito vivo, illustrado e seductor.

Se ao sol da patria, o animo e o coração do autor das FLORES SINGELAS, com uma naturalidade graciosa, se casa com o passado guerreiro de eras idas, sempre memoradas com triumpho, sempre fecundas de inspiração, sempre feiticeiras e ridentes; e no futuro, promette se estreitar ás commoções vivazes do solo, da natureza robusta e magestosa da nossa America; — se nas montanhas, altiva e assombrosa; se nas planicies feiticeira e amena; se nos valles, sombria e floreada; se nos rios, torrencial e impetuosa; se nos mares, immensa e infinita; se nos céos, fulgurante e rutila; — no amor feminil, a musa do Sr. Paes de Andrade apparece vestida de melancolia tocante, vislumbrando visões raphaelicas, séres finitos vistos atravez das commoções do coração e dos véos da paixão.

E' desse impulso mago e nobre, que o Sr. Paes de Andrade, com sensibilidade, compoz muitas das suas producções poeticas, dentre as quaes, a *Fantasia* e a *Nebulosa* são como *baladas*, onde na 1.^a, o trovador recita uma sextilha mimosa assim:

Solta um riso de teos labios
 Tão formosos, de rubim...
 Nosso amor sera eterno...
 Eu te juro, oh bella... Sim!
 Por essas agoas de prata,
 Onde a lua se retrata.

Emquanto na 2.^a, na *Nebulosa* — balada que descreve tres phases de um peregrinar amoroso, selê a seguinte sextilha :

Como a flor que desabrocha
 Em manhã serena e bella,
 Eu via brilhar ao longe
 De meo porvir linda estrella;
 Mas como a flor que seccou,
 Minha estrella se apagou,

Incauto vagava alôa
 Na barca da fantasia,
 Era serena a lagoa
 Onde a barca se perdia...
 Amor no leme a guiava...
 Doce esperança me sorria!...

Na poesia — *Minha alma é triste*, — deparamos, como na — *Canção do Trovador* — movimento rhythmico, — toadas melodiosas que bem traduzem os embates do coração do poeta. Na 2.^a poesia agradou-nos esse trecho :

Ou sejas visão ou fada,
 Tu que tanto me facinas,
 A's tuas plantas divinas,
 Tens curvado um trovador
 Que em doces cantos te jura
 Que por ti morre de amor.

Na — *Minha alma é triste* — estimamos a seguinte quadra :

Minha alma é triste, como o som da flauta
 Que tira o nauta na amplidão dos mares,
 Ou como a queixa que o proscripto solta
 Do manto involta de crueis pesares.

Ainda mencionaremos dentre as — FLORES SINGELAS — do Sr. Paes de Andrade — as poesias — *Tres Anjos* — *Miragem* — *O vale e a flor* — que contem o jogo cadencioso da rhyma, a naturalidade da fórma, enfim o cunho de que cantor das — FLORES SINGELAS — tem dentro em si a essencia da poesia, que mais tarde — com o estudo dos grandes mestres, os conselhos sinceros dos que estimam e amam a arte e a litteratura nacional — lhe fará vibrar a lyra como os tons graves e guerreiros dos corredores do Sahaara e Oman ; como as notas severas e biblicas de Israel e Judá ; ou como os rasgos impetuosos, monumentaes e bellissimos, dos nossos melhores poetas.

A naturalidade de envolta com uma sensibilidade tocante, a fórma de uma singeleza encantadora, denunciam e recommendam, por emquanto, a auspiciosa estrêa do autor das — FLORES SINGELAS.

Depois é que virá a obra do tempo, o estudo serio e grave, as prescripções tão bem pensadas de A. de Vigny, o conhecimento de todos os segredos da imitação natural, o emprego de todos os recursos plasticos ao serviço da concepção idéal.

Tenha pois, o Sr. Paes de Andrade, animo e confiança no futuro, que não obstante as perseguições tacanhas, as allusões sensaboronas, as perfidas intrigas e as calumnias costumeiras de

uma sociedade corrompida e má ; — que outros, lhe virão fazer justiça e saudal-o pelos esforços do talento, que ora já lhe reconhecemos e applaudimos no livro que publica sob o titulo de — FLORES SINGELAS.

Recife, 1 de Outubro de 1861.

MORAES PINHEIRO.

Á MEU AMIGO

Manoel de Carvalho Paes de Andrade.

SONETO.

Aqui na habitação silenciosa
Passa a vida no scismar d'amores !
E o tempo, que te resta dos labores,
A' lyra consagrando harmoniosa.

Prosegue nesta lida gloriosa !...
Da sorte não te importem os rigores ;
Que talvez no porvir d'ias melhores
Tua vida farão mais venturosa.

Soffrer, sempre soffrer ! Tyranna sorte
Fez do genio partilha o soffrimento,
Que muitas vezes vai findar na morte.

Afina a tua lyra ao sentimento,
Que n'alma te nasceu... seja o teu norte
Esse amor que prendeu-te o pensamento.

F. A. CESARIO DE AZEVEDO.

—1860.

* O autor, visitando-me, deixou, depois de alguns momentos de convivencia litteraria este soneto escripto n'um livro meu de poesias. Desculpe-me elle a sua publicação.

DUAS LINHAS.

*Les cordes de ma voix n'ont plus pour harmonies
Que des tristesses et des pleurs.*

(LAMARTINE.)

O titulo dispretencioso, natural e simples, do volume que ora offereço ao publico, melhor falla como prologo, do que o muito que poderia dizer.

O volume que baptisei-o de— FLORES SINGELAS —some-se ás pretensões das obras primas, e dos nomes gloriosos de nossa litteratura nascente; póde valer alguma cousa, e merece estimulos, por que nelle se estampam somente as effusões do coração, os instantes phantasticos do viver de arroubos, e as esperanças sinceras de quem ama a Patria, a Natureza e a Sociedade.

Não faço prologo. A confissão que nasce espontanea, acima, exharada, será bastante ; e demais, em primeiro lugar : a critica, qualquer que ella seja, não poderá deixar de ser comedida, animadora e rasoavel. E em segundo lugar : porque a historia de minhas—FLORES SINGELAS—sendo tão triste, e tão de pouco interesse para tantos, sel-o-ha apenas para alguns, generosos, e cavalheiros ; mesmo porque essa historia, como diz BERNARDIM RIBEIRO: *não havia de escrever para ninguem senam para mi só.*

Assim pois, nada mais direi acerca da historia de minhas —FLORES SINGELAS—senão repetindo ainda com BERNARDIM RIBEIRO : *Das tristezas não se póde contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontecem ellas.*

..... ..
Agora, meus amigos Torres Bandeira, e Moraes Pinheiro: — Approveito esta occasião para solenemente agradecer-vos a bondade de que vos revestisteis, nos *juízos criticos e litterarios*, que escrevesteis neste livro, acerca de meus versos ; e acreditai no sincero e eterno réconhecimento e gratidão de vosso amigo.

Recife — 20 de Novembro — 1861.

ELLA.

*L'innocence est sur elle une blancheur de plus ;
Tout ses grâces son comme un faisceau qui tremble.
.....
En elle tout est joie, enchantement parfum ;
Quel doux regard,.....! et quel doux nom,.....!
Tout est rayon ; son œil éclaire et son nom prié.*

(v. HUGO — Lcg. des Siècles — 2.^e v. f. 114.)

N'um lago todo aznl, sereno, manso,
Cercado de miç flores perfumosas,
Nivea garça gentil ;
Nem a lua de prata qu'illumina,
Em noites de verão, puras de nuvens,
O soleo do Brazil...

'FLORES SINGELAS.

I

A MEU TIO E AMIGO.

O Exm. Sr. Conselheiro Francisco Xavier Paes Barreto.

PERNAMBUCO.

Eu nasci, Pernambuco, em teu solo,
Onde os dias da infancia passei ;
Ausentei-me de ti, fui bem longe,
Fui bem longe... bem longe ! e voltei ;
Porque só no teu seio se gozam
As delicias que eu lá não gozei.

Minha Mãi, minha amiga, ensinou-me ;
Quando, infante, á fallar começava,
A dizer, Pernambuco, o teu nome
Junto ao nome de Deos ; e me dava
Muitos beijos, por ver como doce
De meus labios teu nome adejava.

Quantas vezes commigo no collo,
Minha Mãi, me embalando, dizia :
« Cresce, cresce, meu filho ; dest'alma
Serás sempre a mais grata alegria,
Se teus pais, teus avós imitando,
Deos e a patria tomares por guia. »

Eu cresci, e, cedendo ao meu fado,
Para longe ausentei-me de ti !
Longos annos de ausencia passados
N'outras terras tão longe d'aqui,
Foram tempos em que tristemente
De meus dias a flor consumi.

E voltei... e ao ver-te de longe,
Doce sonho pensei que sonhava,
E inda mal o vapor em que eu vinha
Em teu porto feliz ancorava,
— Venturoso por ver-te, uma prece
Santa e pura ao Senhor enviava.

Mas quão tristes os dias presentes
Vão mudados dos dias d'outr'ora,
Quando os ledos sorrisos da infancia
Despertavam com os cantos d'aurora,
E no seio materno dormindo,
Era a vida illusão seductora !...

Eu nasci, Pernambuco, em teu solo,
Onde os dias da infancia passei ;
Ausentei-me de ti, fui bem longe,
Fui bem longe... bem longe ! e voltei ;
Porque só no teu seio se gozam
As delicias que eu lá não gozei.

II

OS GUARARAPES.

A meu Tio e amigo o Exm. Sr. Barão dos Guararapes.

I

Tem a Prussia Waterloo, onde da França,
O grande Bonaparte, as armas rende ;
Inglaterra, mil pontos sobre o oceano,
Que o seu poder maritimo apregoam ;
A França tem Paris, Paris-Vendôme,
Onde em bronzea columna os louros guarda ;

A Italia — Roma : teve outr'ora a Hespanha,
Gibraltar do Mediterraneo a porta ;
Portugal, inda a fama tem d'Ourique,
Tem de Diu as acções grandes, heroicas ;
Nos Estados-Unidos vemos Boston,
Onde o grito se ouviu de liberdade,
Onde os grilhões da servidão partiram-se ;
No Brazil, tem S. Paulo os Ypirangas,
Bahia, Pirajá — e Pernambuco...
— Pernambuco, esta perola mimosa,
Do Cruzeiro esta parte abençoada,
Patria dos Camarões, patria dos Dias,
Que na guerra mil louros conquistaram,
Contra o Hollandez que repellido foge,
— Os altos cerros tem dos — Guararapes.

II

Dormia inda o Brazil sujeito ao jugo
Do antigo Portugal, quando Hollandezes,
Pela inveja impellidos, pretenderam
No Brazil dominar... Foi nesse tempo
Que Pernambuco, a liberal, heroica
Provincia do Brazil erguendo a frente,
Qual sedento leão, mas generoso,
Da prostradora febre se levanta,
E a juba sacudindo atterra o tigre,

Tão feroz quão manhoso, que o espreitára,
 Assim erguendo a fronte altiva brada :
 Guerra, meus filhos, guerra...

..... .. Hollanda intrepida
 Treme da guerra ao estrepitoso grito,
 E seus soldados vê fugir dispersos,
 Assim como em Casseros conquistados,
 Rosas e seus soldados se evadiram ;
 Ou antes qual pirata perseguido,
 Que foge sobre os mares e abandona
 A preza que o inimigo lhe disputa.

.....
 E foi dos Guararapes sobre os cerros
 Que a audaz Hollanda baqueou vencida.

III

Aqui onde outr'ora mil balas gemeram,
 Mil settas romperam — as gazas do ar,
 Aqui onde a Hollanda prostou-se vencida
 A' gloria subida — que Deos nos quiz dar ;

Aqui onde vimos tão poucos dos nossos
 Tornar em destroços — a armada Hollandeza,
 Aqui nestes cerros nós temos escriptas
 As nossas conquistas — e a nossa firmeza.

Aqui nestes cerros — custosos thesouros —
Plantaram mil louros — os nossos avós !
Aqui é que temos a gloria e o renome,
Que o tempo não some, — legados á nós.



III

A' MEU TIO E AMIGO.

O Illm. Sr. Commendador Luiz de Carvalho Paes de Andrade.

LIBERDADE.

.....
Um povo inteiro, um Povo amesquinhado
Por ti clama e suspira,
A ti chama, a ti brada, em tí só 'cspira :
Tu só, filha do Eterno, em tanta nevoa
Que nos embarga os passos mal seguros,
Pódes abrir caminho.
(GARRETT.)

I

Meu partido qual é ? tenho-o guardado
No imo do meu peito nobre e altivo ;
Não o conto a ninguem, não porque tema
Que a peçonha me atire algum — captivo. —

Porém que lucro, se disser : sou livre,
Só prêzo a liberdade, a independencia !...
Que lucro, se disser... Que lucro?... Basta...
No peito guardarei — tão pura essencia —

.....

E tu, senhor, que lá do céu nos guias ;
Qu'és sabio, justo ; qu'és clemente pai,
Escuta a prece que do peito adeja,
E que cheia de fé a ti se vai :

Senhor, teus olhos por piedade volve
Para a terra da Cruz, para o Brazil !...
Tu que nos deste liberdade e Patria,
Não nos permite um sentimento vil !

Eu amo, te adorando, a liberdade
Qu'aos filhos teus legaste — unico Rei —
E sinto ver na Patria que nos deste
Não ser cumprida a risca — a tua lei. —

Mas perdôa, meu Deos, aos que não cumprem
Tua divina lei — a caridade —
Nascidos entre escravos não compr'hendem
Qu'ô homem deve amar a liberdade.

Console-me a espr'ança
De um dia inda ver
Raiar no horisonte
A luz do saber —
Cumprir-se a vontade
— Do unico Rei —
Que todo bondade,
Me deu liberdade
De amar — Santa lei.—

II

Liberdade ! palavra divina,
Pensamento do céo o mais santo !
Eu te amo, eu adoro-te tanto,
Como á Patria, que Deos nos legou ;
E que importa que os loucos, profanos,

Não te rendam o culto devido,
Se és o anjo que Deos commovido
Em soccorro dos povos baixou ?...

Espalha pois na terra, anjo celeste,
A luz divina que do céu trouxeste,
E volta para o céu ;
Que lá tens junto a Deos lugar seguro,
E de onde rogarás pelo futuro,
Da Patria que nos deu.

Mas espera, meu anjo, inda espera !
Não nos deixes ! de ti carecemos ;
Ah ! sem ti, no Brazil, que faremos ?
Que seremos sem ti, — liberdade ?...
Se por ora alguns loucos não querem,
Qu'os ampares co'as azas de neve,
Talvez que... sim... talvez que mui breve
Te idolatrem, — gentil divindade ! —

Não fujas pois... espera !... espera ainda,
Que o dia chegará, e a hora infinda
Em que deves brilhar !
Então tu nos verás bravos, briosos,
De loiros coroados e ditosos
Um hymno te entoar.

E verás tremular a bandeira,
E mil loiros verás junto della ;
A bandeira — reliquia singela —
Onde escripto o teu nome verás.
De nós todos serás adorada,
E serás respeitada e querida !...
Sim ! por ti, nós daremos a vida,
Como á Patria — mil gosos darás.



IV

A' MINHA MÃE.

Se eu fôra guerreiro
Dos louros coroados,
Que houvesse alcançado
Da patria em defeza ;
Só teus seriam, minha mãe, taes louros.

Se eu fôra um artista
Que aos Rubens, Urbinos,
Piaiores divinos
Inveja causasse :
Meus quadros, minha mãe, só teus seriam.

Se eu fôra um dos cisnes
Que a Italia proclama,
Que aos Verdis na fama
Podesse igualar,
Seriam tuas, minha mãe, taes notas.

Se eu fôra poeta
De um estro potente,
Cantára somente
Qual Byron ou Goethe,
Ou Lamartine, minha mãe, teus dotes.

II

Mas como os louros que o guerreiro adornam,
Salpicados do sangue da batalha,
Minha pallida frente não ensombram ;
Nem do genio sublime da pintura

O pincel estremece entre os meus dedos ;
Nem como a chamma que Rossine abrasa
Em minha alma, se quer, tocou um dia,
E nem da lava da poesia ardente,
Que borbulha da lyra desses bardos,
Que o mundo teem avassalado e o tempo,
Inflammado me tem uma scintella ;
Que posso eu dar-te, ó minha mãe querida ?
Pobre filho, que sou, dou-te os meos cantos,
Ou os meus mais harmonicos gemidos,
Que no imo peito o coração murmura.
Acceita-os, minha mãe, rudes e humildes,
Brotaram de um sentir triste e profundo,
Ou d'uma sensação mais doce e terna
Das que vogam no pléago da vida.
E' bastante ! nem mais eu posso dar-te !
Minha alma pobre, só de anhelos rica,
Seus suspiros somente hoje te envia.

V

CANÇÃO DO TROVADOR.

(CANTIGA.)

Escuta, mulher celeste,
Minha lyra enfraquecida,
Dá-me prazer, dá-me vida,
Se me tens algum amor,
Vem ouvir — estremecida —
A canção do trovador.

Se dormes porque é já tarde
Eu te supplico, donzella,
« Acorda, chega a janella, »
Vem terminar minha dôr.
 Vem ouvir — estremeçada —
 A canção do trovador.

A mui sabia natureza,
Que te deu belleza tanta,
Deu-te tambem alma santa
Que acceitará meu amor...
 Acorda pois, ó donzella,
 Vem ouvir o teu cantor !

No firmamento estrellado
Os astros não brilham tanto,
Quaes teus olhos no quebranto,
Humedecidos de amor...
 Agora qu'és acordada
 Ouve, attenta, o teu cantor !

Teus lindos cabellos loiros
Não sabes como arrebataam,
Quando soltos se desatam
Por teus hombros d'alva côr
 Escuta, ó virgem, ainda
 As vozes do teu cantor.

Encobrem teus roseos labios
Dentes alvos como a neve,
E' tua boca tão breve
Como o calix d'uma flor.

Escuta, ó virgem, meus cantos,
Que todos dizem amor.

Ou sejas visão, ou fada,
Tu que tanto me fascinas,
A's tuas plantas divinas,
Tens curvado um trovador,
 , Que em doces cantos te jura
 Que por ti morre d'amor.



VI

NÃO POSSO AMAR-TE.

Mulher, riso de Deos, o que pretendes,
Se eu nada posso dar-te ?
P'ra que soltas sorrisos que me prenam ?
Se eu não posso adorar-te ?

Mulher, ou anjo, ou fada, o que pretendes,
O que esperas de mim ?
P'ra que te ris tão meiga... pois não sabes ?...
Não deves rir assim !

Nada queiras, mulher, nada pretendas :
Que te posso eu fazer ?
Não coube ao ser humano duplo peito,
E eu amo outra mulher !

VII

GARIBALDI.

A meu amigo o digno maestro Innocenzo Smoltz.

.....
..... Da providencia
A mysteriosa sciencia
Não é dado aos homens ler. —
Porém, oh! Roma não durmas,
Que um dia com novas turmas
À teu lado me has de ver.

(F. G. DE AMORIM—GARIBALDI.)

I

Qual igneo planeta, valente soldado,
Que a luz reverbera de um astro maior,
Surgiste na Italia, por Deos inspirado,
Teu gladio empunhando da patria em favor.

Defendes a causa do povo que adoras,
Que oppresso gemia, partindo os grillhões :
Em frente aos combates tu nunca descoras,
Conquistas, abates inimigos pendões.

E os teus inimigos por ti conquistados,
Aos sons das trombetas que fazes soar,
Apenas te escutam vão ser teus soldados,
E bravos te seguem, por ti vão lutar

Teu nome e teus feitos o mundo conhece,
Que um bravo soldado tão nobre e leal
A todos excita tão santo interesse,
Qual é tua causa — divina, immortal !

A linda corôa que adorna-te a fronte,
São louros divinos que nunca fenecem;
São como esses astros que lá do horizonte
Seus raios fulgentes constante offerecem.

Prosegue, guerreiro, caminha, não pára,
Avante, derriba o tyranno estandarte ;
Liberta dos ferros a patria tão cara,
Que, um hymno ha de o mundo, de gloria entoar-te.

II

Disperta, Italia formosa,
Desse teu dormir profundo ;
Garibaldi, quer dar-te a liberdade,
Quer tornar-te feliz e poderosa,
Como o foste no mundo.

Attende, os cantos acceita,
Tão suaves e divinos,
Do nizardo gentil, que antes a morte
Prefere do que ver-te assim sujeita
A senhores indi'nos.

Ergue-te pois ao futuro,
Sacode o jugo servil ;
De novo brilharàs tão poderosa
Como outr'ora brilhaste, oh ! eu te juro
Por meu caro Brazil,

VIII

ANJO.

Eu amo na terra um anjo
Com santo amor e fé pura,
Um ser celeste e formoso,
Cahido da excelsa altura,
Por terem chóros divinos
Lhe invejado a formosura.

Adoro-o enlouquecido !...
Mas a propria natureza
Não me deixa ser amado
D'esse typo de belleza ;
D'esse archanjo peregrino
Que me olha com frieza...

Senhor Deos, tem piedade
De meu eterno soffrer ;
Se heide assim levar a vida,
Antes á campa descer,
E voando á Eternidade
— Adeos — ao mundo dizer !

E o anjo que me recorde
Nos gelos da pedra fria,
Que sinta por mim saudades
Ao crepusculo do dia,
Orando por mim, orando
A's horas d'Ave-Maria !



IX

SÓ PENSO EM TI.

Mulher celeste,
Anjo do Empyræo,
Grande martyrio
Sinto por ti...

Pois tão distante
De ti que adoro,
Suspiro e choro !...
Só penso em ti...

Anjo padeço
Tão crueis dores !...
Que dissabores
Passo por ti ? !...

Tudo que eu vejo,
E' triste e mudo !...
Me é triste tudo
Longe de ti !

X

A' ASSOCIAÇÃO TYPOGRAPHICA
PERNAMBUCANA.

Por ocasião de sua sessão magna—anniversaria.

.....
Homens que o forem—folgaram contigo
E os que o não são... que tremam, que se arrojem
Ao cahos da ignorancia e dos phantasmas
Onde o crime despenhas.
(GARRETT—LIB. DA IMP.)

Vós, que soldados sois, e que tão bravos
O povo, as letras defendeis e as artes,
Não de fero arcabuz e espada armados,
— Estupida invenção, parto maligno,

Concepção infernal tyranna e abjecta,
De um cerebro pagão, talvez satânico, —
De sangue fraternal banhando a terra,
Que Deos, bondoso, nos legou do empyreo ;
Vós, que soldados sois, e que sem fogo,
Sem fumo e sangue defendeis dos povos
A cara liberdade, que tão santa
Lá do céu nos legou também o Eterno,
Apenas estampando em brancas folhas
De delgado papel, quasi indeleveis,
Custosas linhas, que não gasta o tempo
E que cheias de amor e de verdade
O mundo péja de saber, de luzes
Que não se apagam, e que mais fulguram
Quanto mais tempo, mais espaço rompem !

Vós, discipulos fieis, de Guthemberg,
Desse grande inventor da prensa e typos,
Cujo nome e memoria eternisando,
Liberal nos legou tão santa offrenda !

Vós, que o orbe illustraes nos transmittindo
Dos grandes homeas, as idéas grandes,
Emmanadas do céu, sabios conselhos,
Reliquia santa, que illumina os povos,
Por que é luz tão subtil a luz da sciencia
Que chega á zona mais remota e inculta !

Vós, das letras fieis, bravos soldados,
Da paz sempre em favor, vós do progresso
A luz, a estrella scintillante e bella,
Não duvideis em acceitar dô vate
Tão debil e obscuro, o canto froixo,
Falto de gosto, de belleza e d'arte,
Mas tão puro e sincero e nobre e santo ;
Acceitai pois, soldados do progresso,
E unidos trabalhai pelo futuro
De nossa patria, — do Brazil gigante, —
Que um risonho porvir tereis e bello ;
E contai que n'um peito altivo e nobre,
Onde nunca morou o servilismo,
Nem onde ádulação medrar já pôde ;
N'um peito liberal de irmão e amigo,
Tereis sempre um lugar somente vosso.

XI

MEU PEITO É NOBRE...

Não penses, ó virgem,
Que o oiro me prende,
Que o oiro me rende,
Não creias, donzella ;
Eu te amo, acredita,
Por seres bondosa,
Por seres piedosa,
— Por seres mui bella !...

Eu prezo a virtude,
Adoro a belleza,
Amo a singeleza,
Que em ti só deviso...
Detesto teu oiro,
Mas ah !... por ti morro...
Vem... dá-me um soccorro...
Ah! sim... dá-me um riso !

Não negues, ó virgem,
Um riso que inflamma,
— Um riso a quem ama
Somente a puresa...
Não negues... sê justa !...
Bem sei que sou pobre,
Mas meu peito é nobre,
Detesto a rudeza !...



XII

ESQUECE-ME.

Um beijo não quero
Nem quero um sorriso
De teus labios mais...

Guarda-os bem, donzella,
Pois scismo que mentes,
Que mentes de mais —

Não quero os teus olhos
Se volvam p'ra mim,
Nem quero os teus ais...

Guarda-os bem, donzella,
Pois scismo que mentes :
Que mentes de mais...

Suspiros não quero,
Nem quero de amor
Os teus votos mais...

Só quero te esqueças
De mim para sempre !
Donzella !.. Não mais...

XIII

TRES ANJOS.

A' beira de um rio,
Quaes flores mimosas,
Tres virgens formosas,
Travessas eu vi —
Gentis innocentes
Sorriam, brincavam...
Meu Deos! encantavam,
As virgens alli !...

Pensei qu'eram flores
As virgens singelas ;
Mas, flor como aquellas
Na terra não ha —
Estrellas fulgentes
Melhor pareciam...
Mas, estas só brilham
No Ether, bem lá.

Não eram estrellas...
Seriam archanjos ?
De certo eram anjos
Cahidos do céu.
Estrellas ou flores,
Ou anjos, ou virgens
Do amor nas vertigens
Meu peito bateu...

E hoje minha alma
De amor abatida,
Divaga perdida
Por uma das tres ;
Bem como no oceano
Sem leme, sem norte,
Lutando co'a morte
O nauta talvez.

Mas como piloto
Que a luta não cansa,
E as praias alcança
Que pôde avistar,
Minha alma estremosa
D'esp'ranças despida
Não pôde esquecida,
Venturas sonhar.

Mas pôde em meu peito
Já morto á esperança
Viver a lembrança
Das virgens que eu vi,
A' margem do rio
Brincando formosas,
Quaes flores mimosas
Nascidas—alli !....

XIV

ROMANCE.

Era um fido mancebo que amava
Linda virgem dos annos na flor;
A donzella era um anjo — encantava ;
Era um vate o mancebo amador,
Um poeta que amores sonhava,
Qu'em segredo gemia de dôr.

Nunca a virgem do vate soubèra
A paixão que no peito lhe ardia ;
Mas um riso que meiga lhe déra,
— Tão do céo, recendendo ambrosia, —
Fez do vate a paixão mais severa,
Augmentou-lhe esse amor que sentia.

Eis que o vate de amor combatido
Vence ao pejo que a voz lhe embargava ;
E fallando, inda mal decidido
Pòde á virgem dizer que adorava,
Que o amor qu'ellá tinha incendiado
Como a luz de seus olhos brilhava.

— Oh ! que linda que estava a donzella
Quando o vate a paixão lhe dizia ! —
Como a face formosa e singela
De carmim, de pudor se tingia !
Ah ! meu Deus, como a virgem tão bella
Uma estrella nos céos não se via !

Mas a virgem formosa e engraçada,
Tão gentil, e tão meiga e sem par
Desprendendo um sorriso enleuada
Não quiz mais ao poeta escutar....
E fugindo qual rola assustada,
Foi bem longe, bem longe pousar.

E o mancebo que amava extremoso
A donzella dos annos na flor,
Hoje triste, coitado e choroso
Passa os dias gemendo de dôr,
E se a lyra inda empunha ancioso,
Só murmura da bella o rigor !....

XV

FANTAZIA.

A MEU TIO E AMIGO

Ó Illm. Sr. Major Antonio Francisco Paes de Mello Barreto.

A' margem do Beberibe
Virgem bella divagava ;
Ia a noite mais de meia
E a lua no céo brilhava ;
E sobre os crystaes do rio
A virgem longe avistava
Branca e ligeira barquinha,
Qu'aos sons de uma harpa singrava : —

Era a barca dos amores :
Seu remeiro é que harpejava,
Entoando um terno canto
Que a virgem leda escutava : —

•

« Formosa virgem do ceo,
« Obra prima da natura,
« Espera por quem te adora !...
« Não fujas !... ó virgem pura !
Escuta ao menos o canto
« De quem te jura amor santo. »

E a virgem tremeu de susto...
Pavorosa em pé ficou ;
E o remeiro inda distante
Vendo-a assim não mais cantou,
Até que do rio á margem
A barquinha elle chegou,
E contemplando a donzella
Por muito tempo ficou...
Em pé, de braços cruzados
Seus olhos n'ella fitou,
Mas vendo que a virgem bella
De susto foi que parou,
Sua harpa de novo empunha,
E novo canto entoou : —

« Formosa virgem dos céos,
« Tão meiga, pura, e singela !...
« Não tremas assim, não tremas
« De quem te adora !... Lá vela
« No céu — Deos vivo — e eu juro,
« Qu'è meu amor santo, e puro !

« Solta um riso de teus labios
« Tão formosos, de rubim...
« Nosso amor serà eterno...
« Eu te juro, oh ! bella... sim !
« Por essas águas de prata
« Onde a lua se trata...

« Por teus doirados cabellos,
« Por teus olhos tão divinos,
« Por teu collo virgem, casto,
« Por teus labios purpurinos,
« Por tua cintura airosa,
« Por ti, donzella mimosa !

« Dá-me, oh ! bella, dà-me um riso,
« Dá-me !... sim ?... tão linda qu'ès!...

- « E tu, minha harpa sonora,
- « Vai d'ella cahir-lhe aos pés...



E a virgem qu'em pé se achava,
Não vacillou...
E ao remeiro que cantava,
Assim fallou : —

- « Ouvi ao longe tua harpa,
- « Tua voz canora ouvi,
- « E dos amores a barca,
- « Em que vinhas, distingui.

- « E tremi de susto ao ver-te,
- « E de medo em pé fiquei...
- « Me revelaste um segredo
- « Qu'impuro laço julguei...

..

- « Pediste um riso, e juraste
- « A fé de Deos santo amor ? !
- « Dou-te o sorriso que amaste,
- « E o coração — Trovador...

« Não tenho uma harpa sonora,
« Qu'eu poetisa não sou ;
« Mas juro amar-te estremosa,
« Pelo Deos que nos creou !...



XVI

FRAGMENTO.

NO ALBUM DE MEU PRIMO E AMIGO

O Illm. Sr. M. R. B. de Souza Leão.

.... ..
E não vês — Raphael — como recusa
De — Vanozza — a paixão que a dilacera,
De — Vanozza a infeliz, — porque ama — Stella—
A linda virgem de seus sonhos de ouro ?

Nem vês como — Dirceu — louco de amores
Supporta os ferros, e proscripto parte
P'ra longes terras, a banhar-se em prantos,
Com saudades da patria e de — Marília —
Idolo seu angelico e querido,
A quem ama de veras, por quem morre ?

Não vês como — Petrarcha em doces sonhos
Crê-se ao lado de Laura transportado...
E o Dante —, aquelle vate illuminado,
— Genio portento — que assombrára a Italia,
Seu nome eternisar com a voz da fama
Por um breve volver dos lindos olhos...
Por um meigo sorriso desprendido
Dos rubros labios de Beatriz — que adora !...

Nem vês, Senhora, os celestinos astros,
Pelos campos do espaço namorados
Como se beijam no crusar dos raios...
Como deslisam venturosos, lepidos
Nas bellas noites d'este céo Brazileo ?
E a brisa, que suspira apaixonada,
Não vês beijar a flor que aroma as veigas,
E roubar-lhe essa essencia perfumosa
Que trescala ao calix pela aurora ?

Não vês como do lago o branco cysne
Vaga na lympha crystalina e pura,
Vaidoso sempre... e a companheira ao lado
A nadar feiticeira e graciosa ?
Não se beijam ás vezes — quando correm
Sobre o azul das transparentes aguas ?
— Não se amam acaso as aves ternas ?
Não vês, rompendo o espaço a aguia soberba,
D'outra aguia acompanhada, e que procura
Uma nuvem celeste que as esconda ?
Acaso ellas não são de amor levadas ?

Não vês como o guerreiro empunha a espada
Em defeza da cruz ? Emtanto o peito
D'esse bravo que vò a p'ra os combates —
Muitas vezes palpita estremecido ;
E' que o fogo que um anjo lhe acendêra
Lhe labora nos seios incessante,
Como é dos astros incessante o giro !
Campos da Palestina, testemunhas
Fostes vós d'estes feitos decantados
Dos menestreis nas afinadas harpas !
Quanta vez abraçado á linda amante
O guerreiro amador ouvindo a tuba
Que o chamava ás bandeiras de *Richardo*
Para um louro ganhar no ardor da guerra,
Suspiroso partia... e a bella dama
Deixava a prantejar triste e saudosa !
O — amor — o conduzia, era-lhe a estrella
Que a senda da victoria o encaminhava

XVII

RÉVERIE.



Era alta noite — vagava
N'um sonho aereo em teu lar,
É tu dormias,
Sorrias
Como a rosa a desbrochar.

N'um leito de brancas nuvens,
Que lindo dormir o teu !
De Raphael
O pincel
Quiz, ao ver-te, anjo do céo.

Teus cabellos, fios de oiro
Espalhados em teu seio,
Qu'arfava intenso,
Suspenso
Deixaram-me em doce enleio.

Que lindo dormir o teu !...
Semelhavas a açucena
Em tarde bella
Singela
Se desdabrando serena.

Como innocente volvias
Em teu leito vaporoso
As fórmãs tuas —
Sim'nuas !...
Que quadro voluptuoso !...

Mui de manso, todo tremulo
Joelhei-me junto a ti...
 E mais de leve,
 Mais breve
Um beijo roubei de ti...

Ah ! sorvi tão doce nectar
No beijo que te roubei,
 Que despertando,
 Sonhando
Comtigo me conservei.

XVIII

ESPERANÇA.



Sempre vejo em meus sonhos de mancebo
Meiga virgem dos céos de fôrmas raras !
Junto a meu leito debruçada e langue
A sorrir-se p'ra mim leda e formosa.

Oh ! que lindo sonhar !... nesses instantes
Tão breves, tão ligeiros como o riso
Que dos labios desprende a virgem linda,
Tão doces para mim, quanto é suave
Uma meiga expressão dos labios della,
Me creio tão feliz...

E quando a virgem
Dos olhos feiticeiros derramando
Essa luz tão divina e tão celeste,
Mais pura do que a luz do astro d'oiro,
Que o orbe todo aclara e que dá vida,
Em mim deixa tombar languido raio,
Encantado, meu Deos, eu me acredito
Habitando mais ella um céu d'amores !
E como da donzella adolescente,
Da virgem tão do céu, tão pura e casta
É magico o sorrir, o olhar ethereo,
Assim eu sou ditoso ; e como poeta
Do sonho despertando eu sonho ainda.

Mas já não vejo a virgem debruçada
Em meu leito a sorrir, vejo um archanjo
Niveo como a açucena abrir as azas
Da terra equilibrar-se entre doiradas
E prateadas nuvens, e de longe
Parece que me diz : — Mancebo és louco !
E um sorriso de dó nos labios della
Como um fugaz relampago apparece.

Meu Deos, será verdade ? eu serei louco,
Em meus olhos erguer para um archanjo ?
Posso acaso aspirar um riso della ?...
Se assim é — collocaste o paraizo
Neste valle de lagrimas !

Bemdito

Sejas tu que nos labios dessa virgem,
Collocaste a ventura e a gloria minha.

XIX

QUINZE ANNOS.

IND ALBUM DE MINHA PRIMA

A Illma. e Exma. Senhora D. M. A. C. P. M B.

(No dia de seu anniversario natalicio aos 21 de Julho de 1861.)

Ao lindo ramalhete
De sua doce vida,
Mais uma flor colhida
Acaba de juntar,
A virgem bella e casta
De tão divino olhar.

A fronte lle engrinalda,
Tecida por amores,
De quinze niveas flores
Capella virginal,
 Tão linda quaes são puros
 Seus labios de coral.

Meu Deos! como embriaga,
De tão gentil menina,
Na boca purpurina
Sorriso encantador!...
 Em cada riso della
 Contemplo-te, Senhor! —

É linda a loira trança
Que a fronte lle garante,
Que solta aos hombros desce,
que vai beijar-lhe o seio!...
 De quanto és sabio e pódes,
 Senhor, na trança eu leio —

Sen collo eburneo, liso,
De tanta perfeição,
Escõde um coração
Talvez farto de amor...
 Bem como de perfume
 O calix de uma flor —

E a flor dá seu perfume,
De amor embriagada,
A' brisa apaixonada,
Que vem leve a beijar...
A quem a virgem bella
Virá um dia amar ?

Aos pais de certo ama, —
— O anjo peregrino,
Com esse amor divino
Que só no céu se cré, —
Nos olhos seus que matam,
Quem esse amor não lê ?...

Tão bella, ingenua, pura.
Quanto é meiga e mimosa,
Será sempre ditosa,
Sonhando viverá —
Pois Deos que fê-la um anjo
Dos Céos vellando-a está. —

VX

MORRER POR ELLA.

A' MINNIA EXTREMOSA TUA

A Illma. e Exma. Sra. D. R. Z. C. L.

La mia vita io ti sacrai
Nella gioja e nel dolore,
E la morte per amore
Cara e santa a me sara.

(CONDE DE PEPOLI.)

Meus dias gastarei amargamente
De continuo á scismar nos meus amores,
Até que o fado meu condescendente
Consinta da ventura achar as flores.

Soffro muito, meu Deos, — adolescente,
Inda dos annos no raiar da aurora !
Se ás tuas leis não fujo irreverente,
Porque o filho abandonas, que te adora ?

Amo um anjo na terra, que innocente,
No leito em febre, sente alli mil dores,
Da ventura, meu Deos, abre-lhe o cofre,
Dá-lhe allivio ao soffrer, aos dissabores !

Ah ! bem vejo no céu Vesper brilhante,
A' quem digo talvez — o ultimo adeos, —
Vou morrer só por ella... triumphante,
Vou por ella viver aos pés de Deos !

A morte, a morte é doce ao que padece,
É o sopro de Deos que a dor apaga ;
O coração no tumulo adormece,
Cicatrisa-se a mais profunda chaga !

Descançarei no tumulo — cansado —
Quero sonhar c'ó a luz da minha vida,
Sua sombra terei sempre a meu lado,
Vê-la-hei junto á mim adormecida !

Quero vê-la de pé zombar da sorte,
— Candida e bella desfolhando amores —
Embora !... viverei no chão da morte
Onde ella deporá mimosas flores !

Ouvirei as canções melodiosas
Que soltará sua alma dolorida...
Serei feliz !... dos labios seus de rosas
Ouvirei uma prece estremecida !



XVI

MINHA ALMA É TRISTE...



Minha alma é triste como o som da flauta,
Que tira o nauta — na amplidão dos mares,
Ou como a queixa qu'ô proscripto solta,
No manto envolta — de crueis pezares.

Minha alma é triste como um ai sentido,
Como o gemido — que o mortal desata
Ness' hora extrema, quando sente o côrte
Da fria morte — qu'impiedosa o mata.

Minha alma é triste como a luz da lampa,
Que banha a campa — mortuario leito...
Ou como os dobres de algum sino ao longe
Que tange o monge — a padecer áffeito.

Minha alma é triste como em noite escura
Lá na espessura da floresta um ai,
Como o destino do infeliz guerreiro,
Que prisioneiro — fuzilado cahe.

Mas se algum dia, bella virgem que amo,
Por quem m'inflammo, que me faz soffrer,
Compadecida, conceder-me um riso,
De que preciso — para o meu viver...

Se como a rosa qu'embalsama a veiga,
Gentil e meiga me disser —: eu te amo —
Então minha alma volverá ditosa,
Qual fresca rosa no seu verde ramo ;

Se como a fonte dá frescura ao lyrio,
Ao meu martyrio — e minha dor der fim...
A liberdade, minha vida eu déra,
Quanto quizera, — que pedisse a mim...

Mas eu sou triste como o som da flauta,
Que tira o nauta — na amplidão dos mares,
Ou como a queixa que o proscripto solta,
No monte envolta — de crucis pezares.

XXII
A NEBULOSA.

A' MINHEIRA TIA

A Illma. e Exma. Sra. D. F. C. P. de Mello Barreto.

Foi mais uma illusão! de minha fronte
Rosa que desbotou,
Uma estrella de vida e de futuro
Que riu... e desmaiou!
(ALVARES DE AZEVEDO.)

Como poeta sonhava,
Era feliz, me embalava
Na rede das illusões —
Fui bem louco, hoje desperto
É-me a vida ermo deserto,
Já não tenho inspirações.

Outr'ora além me sorria
Esperança bonançosa...
Hoje é murcha como a rosa
Quando perde aroma e côr —
Outr'ora sonhos doirados...
Pesadelo hoje de amor !...

Como a flor que desabrocha
Em manhã serena e bella,
Eu via brilhar ao longe
De meu porvir linda estrella ;
Mas, como a flor que seccou,
Minha estrella se apagou.

Incauto vagava atôa
Na barca da fantasia,
Era serena a lagôa
Onde a barca se perdia...
Amôr no leme a guiava...
Doce esp'rança me sorria !...

Pobre louco ! embriagado,
Molemente adormeci...
E sonhando que era amado,
De anjo bello e vaporoso...
Fui feliz... ah ! fui ditoso,
Quando na barca dormi !

Que sonho, meu Deos, tão lindo,
O sonho qu'eu então sonhei !...
Quizera viver dormindo
Na lympha cristalia e mansa,
Onde alegre me sorria
Bella virgem de aurea trança.

Por encanto a serena lagôa
N'uma ilha gentil se mudou ; —
Linda ermida tornou-se a canoa
Onde o vate dormindo sonhou.
A donzella de branco vestida
Para o templo ao poeta convida.

Ei-los juntos no templo de joelhos,
Ambos rendem mil cultos a Deos...
Sacerdote ancião lá se avista
Que parece descido dos céos —
Aos mancebos que tanto se amavam
Bemdizendo fallou : « Filhos meus,

Muito apraz ao Senhør que nos ama,
Que nos olha do céu, que adorais,
Que se tornem uma alma somente
Vossas almas tão gemeas, iguaes...
Sêde pois, ó meus filhos, ditosos,
Como sois no amor extremosos.»

A donzella sorrio-se, e da fronte
Onde brilha virginea capella,
Branca rosa desprende que offerta
Ao mancebo que morre por ella...
Que mãosinha fidalga e mimosa !...
Que mãosinha, meu Deos, como é bella !

Radiosa ella ergueu-se, e o poeta
Imitando-a tambem fulgurou,
Porqu'a virgem de uns olhos de fada,
Meigo olhar sobre o vate lançou...
Nova benção recebem e unidos
Lá ficaram na ilha perdidos.

Que destino fatal do poeta !
Só nos sonhos feliz pôde ser...
Pois apenas desperto a ermida,
Barca e lago não pôde mais ver !
E a virgem qu'a flor lhe entregára,
Nem um riso lhe quer conceder.

Ella vive gentil e mimosa,
O poeta inda vive tambem ;
Infeliz ! que só pensa na virgem
Qu'um seutil de affeição não lhe tem.
Que fatal recompensa ! que sorte !...
Antes, antes mil vezes a morte.

Mas, o poeta inda vive e não póde
Da fidalga e gentil olvidar-se...
E ainda por mais soffrimento
Vem nas cordas da lyra lembrar-se
Desse amor tão ethereo de outr'ora,
Mas tão cheio de espinhos agora...

Sonho vão, impio ideal,
Porque vieste embalar-me
Na rede das illuzões ;
Se tinhas de abandonar-me
Neste mundo tão real,
Onde ha só decepções ? !

Como poeta sonhava,
E na lyra descantava
Meus sonhos gentís de amor...
Fui bem louco, hoje desperto
É-me a vida ermo deserto
Onde não brota uma flor !...

XXIII

RETRATO NOS OLHOS.

Quando meus olhos se encontram
Com teus olhos tão divinos,
Nelles vejo pequeninos
Dous retratos que são meus.

Diz-me agora se te avistas
Em meus olhos retratada,
Quero saber se és gravada
Como eu sou nos olhos teus :

Pois te juro que em meu peito
Tens morada, és soberana,
Onde imperas qual sultana
Poderosa em seu harem:

E se te vês em meus olhos
Como em teus olhos me avisto,
Em teu peito então existo,
Como tu no meu também.

Queiras pois sempre em meus olhos
Te mirar, mas sê constante,
Que te juro a fé de amante,
P'ra os teus somente os volver.

E teus olhos são tão bellos,
Tem tanta luz, tanta vida,
Tanto amor gentil querida,
Que fazem enlouquecer.

XXIV

QUERES VER SE TE AMO.

Ah! rendetemi la speme
O lasciate mi morire
(CONDE DE PEPOLI.)

Se queres, virgem, conhecer se te amo,
Já que duvidas de meu santo amor,
Indaga ao pranto que por ti derramo,
Banhando o rosto que desbota a côr.

E se inda é pouco, para ver se minto,
Indaga as noites de luar sereno...
Ah ! tu não sabes quanta dôr eu sinto !
Matta-me aos poucos infernal veneno.

Attende, virgem, por piedade, escuta
Os sons da lyra que por ti desprendo ;
Vê que minha alma, na cançada luta,
Vai pouco à pouco de soffrer morrendo.

Ah ! quantas vezes procurei fugir-te,
Sem que podessè me olvidar de ti ? !...
Sempre em meus sonhos parecia ouvir-te
Dizer : — amemos — como digo aqui. —

Mas, se enganei-me quando assim sonhava,
Tenho desperto muita dôr soffrido —
Não me maldigas ! eu bem sei qu'errava...
Fui louço, louco de um amor subido !...

Ah ! tem piedade ! sou bem moço ainda...
Não dês a morte quando pesso amor !...
Cede a meus rogos, innocente e linda,
Como aos favonios dà perfume á flor !...

XXV

DESALENTO.

Doia-lhe muito acerbo um aviltamento
sem motivos, por que a sensibilidade
em almas bem formadas é varada até
aos seus abysmos pelo punhal da af-
fronta injusta.

(C. CASTELLO BRANCO.)

Sou ainda bem moço e vivo triste
Por ter meu coração cheio de amores...
E só quando minha alma evaporar-se,
Na louza encontrarei allívio às dôres !...

É meu fado soffrer, e eu soffro tanto
Como nunca ninguem soffreu ainda !...
Vivia de esperança, essa murchou-a
— Meiga virgem do cêo, de face linda !...

E ninguem comprehende o meu martyrio,
Nem tem pena de mim a virgem pura !...
Da turma, pouco importa a indifferença,
Mas, della o escarneo, dá-me a sepultura.

E ella escarneceu de meus affectos...
— Tão bella e rica — aborreceu-lhe o pobre...
Tens razão ! neste sec'lo de torpezas,
Mais vale o ouro do qu'um peito nobre ...

Do que serve um amor ardente e puro,
Que possa tributar algum poeta ?
No entanto o ouro como uma harpa vibra,
E na côr tem a luz d'ino planeta.

Fazei, Senhor, que o véo da indifferença,
Collocado entre mim e a virgem bella,
Me prive de escutar-lhe a voz celeste,
De na luz me queimar dos olhos d'ella !

E como os versos meus que tão vaidosa,
Em tumulto azulado sepultou,
Consenti que também possa esconder-se,
Dos olhos d'ella, o vate qu'a adorou...

Mas, piedade meu Deus, louco de amores,
Quizera me olvidar da virgem linda...
Porém não posso... desse amor preciso...
Quero mesmo infeliz ama-la ainda !...

E tu, virgem do céu, lembra-te sempre
Do pobre vate, que te adora tanto ;
E quando a morte lhe roubar a vida,
Vai sobre a campa derramar-lhe um pranto !

XXVI

ESCUITA.

Como o proscripto, donzella,
Ama a terra em que nasceu ;
Como se ama o sol doirando,
Ao raiar da aurora o céo:

Como o pobre peregrino
Ama a fonte no deserto ;
Como o poeta ama a lyra,
Que seus amores respira :
Como se ama a Deos de certo:

Como a brisa adora a flor
Aspirando o puro odor,
Adejando em torno della,
Ou como a lua o regato,
Onde estampa o seu retrato,
Pura e casta, e meiga e bella:

Como o nauta ama a bonança ;
Como o lar em que descança,
Ama o que cansado vem ;
Como a planta adora a brisa,
Que nos seus ramos deslisa,
Dos raios a suavisa,
Do astro que brilha além !

Qual amou a Catharina
O grão Camões, perigrina
Estrella, que tão divina
Brilhou no céu portuguez ;
Vate inspirado e propheta,
Guerreiro bravo e poeta,
Que cantou, tocando a méta,
Catharina, patria e Ignez !

Qual Julieta á Romeu ;
Como á Marilia Dirceu,
Qu'em longes terras morreu
Pela patria e mais por ella !...
Ou como Alvares d'Azevedo,
Que tanto amou em segredo,
De seus sonhos, a donzella !

Como Tasso amou Leonor ;
Como por Beatriz de amor
Se abrasava Bernardim ;
Como á Virginia extremo
Amou Paulo, carinhoso,
Eu te amo, virgem, assim !...

Trago-te a imagem no peito,
Debruçada no meu leito
Vens meus sonhos matisar ;
Eu te adoro qual Petrarcha
A' Laura soube adorar !...

Eu te amo muito, meu anjo,
Nos loucos delirios meus,
Como o christão extremo
Ama os preceitos de Deos !...

XXVII

A MARIPOSA.



Pobresinha mariposa,
Porqu'assim queres morrer?
Foge, foge dessa chamma
Que te faz enlouquecer.

N'essa luz tão bella e pura,
Que te cega e te fascina
Tens a morte, foge d'ella,
Foge, incauta peregrina !—

Eu bem sei qu'amorte é certa,
Murmurava a mariposa,
Mas, fugir da luz que eu amo,
Quem me aconselha, quem ousa ? !

Coitadinha !... assim fallando,
Logo á chamma se arrojou ;
E morreu porque jurára
Amar a luz que a matou !...

XXVIII

AMOR.

Amor ! amor ! qu'és tu ? se acaso existes ;
Se és mais que sombra vã, és mais que um nome,
Se és mais que phantasia, ou mais que um sonho,
Dá-me sequer uma hora de ventura,
Uma hora, genio de Deos, se podes tanto.

(G. DIAS.)

Amor ! amor ! qu'és tu ? sonho, fantasma,
Realidade, visão... ou mais ainda ?...
Potencia extranha, que os mortaes domina,
Guerreiro vencedor dessas pelejas,
Dessas lutas dispostas sempre n'alma,
Nas quaes ao coração compete a gloria,
E por forte que seja emfim fraqueia...

Amor ! amor ! quês tu ? como tu podes
Prender os corações, é as almas todas,
As mais das vezes em um ponto electrico,
Qu'a todas essas almas traz submissas ?...

Quantas vezes de amor me julguei livre ?
Quantas vezes, e quantas blasonava
De ter meu peito impenetravel, forte,
A's suas settas aguçadas sempre,
E a essas seducções qu'enleiam n'alma
Doces gosos, suaves, propios d'elles ? !

E hoje, meu peito qu'era outr'ora altivo
Rende mil cultos a um anjo bello ;
E minba alma de então, sob'rana sempre,
Hoje, confesso, que é fiel vassalla
Desse mixto de amor — que pede cultos,
Os quaes todos lhe dou somente em troca
De um raio de esperança inda futura !...
Amor ! amor ! qu'ês tu ? como tu podes
Prender os corações, e as almas todas,
As mais das vezes em um ponto electrico,
Qu'a todas essas almas traz submissas ?

Somente um volver d'olhos, um sorriso,
Pairado em roseos labios entre-abertos,

Um meneio gentil pronunciado
 Em um talhe donoso, esbelto e simples,
 Um vaguear incerto que arrebatava,
 Um ligeiro acenar, um gesto breve,
 Um não que pronuncia, um sim que solta...
 Foi isso que prendeu-me a ti p'ra sempre !...

.... ..

Não desprendas de ti essas cadeias
 Que te prendem a mim... não, eu te peço !...
 Porque solto esse nó, por ti quebrado
 Ver-m'hás vagando, desgraçado e triste,
 Sem nunca mais achar porto seguro
 Onde descance de tamanha lida ;
 Ver-m'hás pedir ao céu somente a morte
 É louco percorrer sempre os teus lares !...
 Ah ! de amor afinal ver-m'hás sem vida...

... ..

Não tenho pompas, nem braços, — sou pobre, —
 Não posso dar-te além :— do ser e d'alma
 Mais qu'a lyra tangida por mãos rudes,
 Que nada valem se não forem tuas...
 Aceita-as pois, e dize ao menos, linda,
 Uma palavra só que te não custa
 Senão dize-la, e que p'ra mim é tudo !...

XXIX

RETRATO.

Tem celeste condão, é divino
De teu rosto gentii, seductor
Essas duas covinhas mimosas
Qu'enlouquecem, que matam de amor.

Um singelo volver de teus olhos,
Acredita, donzella é bastante,
P'ra render corações invencíveis,
E tornar do voluvel constante. —

Quando um riso teus labios desprendem,
Quando um *não*, quando um *sim* pronuncias,
Sempre digo sosinho, commigo,
Linda flor, quem gozara-te os dias !

Ès tão bella, tão meiga, tão pura,
Tão esbelta, engraçada e gentil,
Que não posso pintar-te a beldade,
Linda estrella dos cèos do Brazil !



XXX

FUGIO-ME.

A' MEU PRIMO E AMIGO

O Illm. Sr. Commendador Domingos de Souza Leão.

Meu peito, qu'era outr'ora altivo e forte,
Hoje, confesso, baqueou vencido,
Como aos embates de tufão raivoso
Rígido cedro !

Mas em vez de tufão foram dous olhos,
Dous astros divinaes n'um rosto bello,
Duas aureas estrellas, que scintillam
Vividas sempre !

Foram cabellos de um castanho claro
Que á esmo sacudidos pela aragem,
— Gentís anjinhos a brincar co'as flores
Se assemelhavam !

Foram nas faces de jasmíns e rosas
O innocente adejar de meigos risos,
Doces notas, que ouvi, roçando prestes
Rubidos labios !

Foi de um anjo baixado là do Emyreo
Em fôrma de mulher pudica e bella,
O arfar sereno de seu collo cysneo
Que enlouqueceu-me !

Mas, ah ! que o anjo que em meu peito impéra,
— Meu peito qu'era outr'ora altivo, e forte, —
Fugio-me, como a nuvem que no espaço
Rápida passa...

XXXI

O BOTÃO DE ROSA.



N'aquelle botão de rosa,
Meiga virgem tão formosa,
Eu te dei meu coração ;
Dei-te minha alma e a vida,
N'essa linda flor colhida
Para ti, por minha mão. —

Agora diz-me, donzella
Seductora, casta e bella,
Se guardas-te a linda flor,
Ou se lançaste-a no lodo
Com impio, barbaro modo,
Em paga de tanto amor ?

Acaso terás guardado,
Esse botão nacarado,
Bem junto do seio teu ?
Responde que sim ! donzella,
Sê bondosa quanto és bella !
Dá-me a vida, anjo do céu!...

XXXII

DA-LHE UMA ESMOLA.

—

Se algum dia, mulher, um pobre vires,
Roto, bem roto, a mendigar-te o pão...
Indaga-lhe, se amou : da-lhe uma esmola,
Da-lhe, piedosa, não lhe a negues, não !

...

Que segredos d'amor se occultam n'alma !
Que ancia de gozo o coração tortura !
Tu que não sabes, quando quer goza-las,
De que meios se vale a desventura ;

Da-lhe uma esmola ; porque não ? quem sabe,
Se acaso esmolará só para ver-te !
Quem sabe, se elle quiz somente a esmola,
Porque vinha de ti, por bem querer-te !

—

XXXIII

MIRAGEM.

A' MEU PRIMO E AMIGO

O Illm. Sr. Tenente Coronel Antonio Carlos de Pinho Borges.

Foi n'uma hora de maga poesia
Quando o dia se vai terminando,
N'essa hora em qu'o sol no poente
De caçado se vai debruçando ;
E as aves seus ninhos procuram.
E um hymno sagrado murmuram.

N'essa hora em qu'a flor vespertina
—Branca flor pudibunda açucena, —
Desdobrando embalsama os favoneos,
Cada vez mais gentil, mais serena :
N'essa hora em qu'a lua, e as estrellas
D'entre as nuvens lá surgem tão bellas.

N'essa hora em que tudo na terra
Nos revela o poder do Senhor,
N'essa hora tão doce ao poeta,
N'essa hora tão cheia de amor ;
Trovador abstracto vagava
E um sonho de amores sonhava.

E sonhando, vagando e abstracto
Sobre a margem de um rio parou,
E atravez dos cristaes que rolavam,
Linda, esbelta vizão avistou...
Já desperto o cantor a admira,
E um canto soluça na lyra :

— Oh ! das aguas vizão engraçada, —
Como a pallida lua no céu,
Da-me um riso, um volver de teus ollios,
Vem aos braços do vate que é teu ;
Vem !... não tardes, despreza a espessura,
Tem da terra a paixão mais doçura !

Lá, do fundo das aguas ouvindo,
Tão sonora canção estremece...
Quer fugir, esconder-se do vate,
Mas, não foge qu'ô amor lhe apparece...
Já não treme, nem tenta occultar-se,
Antes quer ao poeta mostrar-se.

E, rompendo os cristaes da corrente,
Mais formosa se mostra ao cantor,
Um sorriso dos labios desprende,
— Um sorriso encantado de amor, —
E se abraçam, se beijam, suspiram,
E de tanta ventura deliram...

XXIV

POR QUE SOU TRISTE.



Queres saber, meiga virgem,
Por que sou tão triste assim ?
Mas, para que se impiedosa
Tu não tens pena de mim ? !

Queres saber ?... pois não sabes
Que sinto dentro do peito,
Essa chamma abrasadora
Que me faz a ti sujeito ?...

Inda não lêste, innocente,
Em meus olhos, a paixão,
Que me vai matando aos poucos,
Me ralando o coração ?...

És ainda tão criança,
E como os anjos tão pura,
Por isso não comprehendes
Que me dás a sepultura !...

Pois, sabe agora : eu sou triste,
Por amor de ti somente,
Sou triste por que te amo
Sem ser amado, innocente !

XXXV

HARPEIOS.

Quando nas horas solitarias, tristes,
Penso na virgem, que em meu peito mora,
Minh'alma ardente, de soffrer cançada,
Geme e suspira, e minha lyra chora.

É tão mimosa, seductora e meiga,
A linda virgem que me faz chorar,
Que em recompensa de martyrios tantos
Ainda é-ella que me faz sonhar.

E nos meus sonhos de mancebo ardente,
Que são tão lindos como um riso d'ella,
Sempre a deviso tão gentil, tão pura,
Qual no horisonte a matutina estrella :

Seus lindos olhos, á volver travessos,
Em mim derramam sua luz divina,
Bem como a aurora prateando as nuvens
Rocio e viço á rosa purpurina.

Da bocca breve, que uma flor semelha,
Por entre os labios de coral, divinos,
Se escondem per'las que se vêem a furto,
Quando sorri-se a virgem de meus hymnos.

É doce o aroma que a sorrir esparge
O lindo archanjo de meus sonhos de oiro,
Como o perfume, que embalsama as brisas,
— De sua trança de um castanho loiro.

A natureza que a formou tão linda,
Fê-la singela, ingenua, e casta e pura...
— Meu Deos !— eu amo a virgem de meus sonhos;
Deixa que amando-a possa ter ventura !...

Ah! tu bem sabes quanto amor eu sinto
Dentro em meu peito, pela virgem linda !...
Faze que um dia compreenda o vate,
— Tão santa imagem de belleza infinda !...

Virgem ou anjo que eu amei, que adoro,
Da-me n'um riso o teu amor tão puro !...
Da-me esses gozos que d'amor só nascem !
Ama-me, virgem, dou-te o meu futuro !

O meu passado, o meu presente, tudo...
Tudo que é meu, feliz irei depôr
A's tuas plantas... serei teu captivo...
Mas, n'um sorriso da-me o teu amor !

XXXVI

BOTÃO DE ROSA BRANCA.

A rosa
E' formosa ;
Bem séi.
Porque lhe chamam — flor
D'amor
Não sei.
(GARRETT.)

Eu gosto da rosa branca
Porqu'è flor,
Que na côr
Tem da puresa o condão :
Por isso dei-te um botão.

E quem não ama a pureza
Qu'essa flor
Tem na côr
Como tu no coração ?
Guarda pois, linda, o botão !

Eu gosto da rosa branca,
— Linda flor, —
Que de amor,
Me inspirou debil canção...
Da-lhe, virgem, distincção !

Em teu seio perfumoso
Guarda a flor,
Qu'é de amor
A mais singela expressão !...
Guarda a flor e a confissão !...

XXXVII

SOLSMANDO.

Seja embora meu fado adverso,
Mentirosos meus sonhos de amor,
Ha de sempre viver em meu peito
Quem um dia me fez trovador.
— Seja embora meu fado adverso,
Minha sina infeliz como fôr. —

Que me importa que a turba insensata
Me appellide de louço ao passar,
Pobre e triste, de amor peregrino,
Os meus sonhos na lyra a cantar?
— Que me importa que a turba insensata
Minha historia não queira escutar?!

Seguirei meu caminho... no entanto
Sempre a imagem no peito trarei
Dessa virgem gentil e mimosa,
Que minha harpa afinou, que adorei! ...
— Seguirei meu caminho... no entanto
Em meus sonhos constante a verei! ...,

Não me abalam da sorte os rigores...
Como poeta me affiz ao soffrer!
Hei de ama-la inda mesmo na morte,
E esse amor ha de o mundo saber!
— Não me abalam da sorte os rigores...
Possa a virgem gentil me entender! ...

Seja embora meu fado adverso,
Mentirosos meus sonhos de amor,
Ha de sempre viver em meu peito
Quem um dia me fez trovador.
— Seja embora meu fado adverso,
Minha sina infeliz como fôr.—

XXXVIII

AOS ANNOS

DE

D. Clara Maria de Araujo Goes.

aos 22 de Março de 1860.

O vous que votre âge défend,
Riez ! tout vous caresse encore.
Jouez ! chantez ! soyez l'enfant
Soyez la fleur ! soyez l'aurore !

(V. HUGO.)

Na primavera da vida
Teus dias são lindas flores ;
São como a phrase querida
Que soltas sonhando amores.

São como as notas que exhalas
De teus labios purpurinos,
Quando ao piano ñas salas
Entôas languidos hymnos.

São bellos — quanto és ditosa,
Felizes — quanto és gentil ;
São como a estrella formosa
Brilhando n'um céu de anil !

São qual nota estremecida
Que mais ama o trovador,
Como a nuvem colorida,
Como o desbrochar da flor,

Como o gorgoio das aves,
Como um teu meigo sorriso ;
São como os cantos suaves
Dos anjos no Paraizo.

Na primavera da vida
Teus dias são lindas flores ;
São como a plirase querida
Que soltas sonhando amores.

XXXIX

A GARRETT.

Canhões Garrett ! Tres seculos ajoellam
Ante o braço fraterno que ora dáis,
No mutuo olhar os mesinos dons se espalham:
Onde sois, irmãos ha, não ha rivais !

(MENDES LEAL.)

Garrett, brilhante estrella lusitana,
Da-me um raio da luz que te sublima,
 Ensina-me a cantar !
Ao tenro filho do nascente imperio
Da America do Sul attende, anima,
 Ensina a versejar.

Ensina-me e caminho que trilhaste,
Em cujo fim de gloria achaste os louros
 Que te adornam a fronte ;
E faz que um dia, como tu, eu possa
Mil raios espargir, derramar luzes
 Do Brazil no horizonte !

Da-me o dom de cantar como cantavas !
Ensina-me á brilhar, como fulguras
 As eras perpassando !
A' curva fronte um louro me concede
Da c'roa de poeta, que te cinge
 Mil luzes derramando !

Sobre mim, sobre o vate que te off'rece
Debil accorde, quanto póde dar-te,
Que pasmo, te contempla, te admira ;
E que cheio de amor por tua gloria
A vida deixará sempre te amando...
Derrama os dons de inspirações sublimes.

XL

ENLEVO.



Era uma flor branca, e linda,
Como a nuvem prateada ;
Era uma flor encantada...
 Transplantada
Do jardim celestial ;

Era uma flor tão mimosa,
Tão casta na côr de neve,
Tão delicada, tão breve,
 Que não teve
Outra flor como rival.

E a flor de linda que era
Quiz ser anjo, converteu-se,
E nos jardins escondeu-se,
 Té que ergueu-se
Nas azas brancas ao céo.
De Deos a benção recebe,
E recebe alva capella,
Ao depois volta singela,
 — Virgem bella —
Vem cumprir o fado seu.

XLI

A MEMORIA

DE

MEU PRIMO E AMIGO

João Marinho de Souza Leão Junior.

Morreste ! como aurora sem poente,
Como a flor que perfume inda exalava
Como o sopro da brisa recendente,
Como a onda que apenas se formava.

(G. DIAS.)

Morreste ! como a flor que mal nascida
Por mão impia do tronco foi ceifada,
Como em labios de mãe estremeçada
Desmaia o riso — a lagrima chorada !

Morreste! como a estrella fulgurante,
Que plumbea nuvem no seu gyro offusca,
Como lá no deserto o viandante
Que expira sem chegar ao lar que busca!

Morreste! como a nota harmoniosa
Na garganta do cysne que expirou,
Como a branca açucena perfumosa
Que aos embates do norte se esfolhou!

Morreste! como o nauta esperançoso
Do oceano no pélago profundo,
Ou como n'hora extrema o adeos saudoso,
Que a custo balbucia o moribundo!

Morreste inda bem cedo! A tua sorte
Foi chorada, por todos foi sentida!
Se na terra foi triste a tua morte,
Dos céos alegre te abraçaste a vida.

XLII

O JASMIM.

Foi hontem
Qu'eu vi-te,
Tão bella,
Vaidosa
Brincando,
Correndo,
Saltando

Colhendo
Florinhas,
Mimosas,
De um lindo
Jardim —

Te lembrás
D'aquella
Que, toda
Tremendo,
Do galho
Roubaste...
Beijaste?...
Daquelle
Mimoso,
Cheiroso
Jasmim,
Que dentro
Do peito
Guardaste
P'ra mim ?

Te lembrás,
Meu anjo ?
E quando
Teus olhos
Brilhantes,
Rasgados,

E ternos,
E languês,
Quebrados,
Divinos
Fitaste-os
Em mim ?

E quando
Me déste
Tão meigo
Sorriso,
Que logo
Predeu-me,
Perdeu-me
O Juizo ?...
E quando
Disseste
Tão doce
Palavra
Qu'em lava
Amorosa,
Calmosa,
Meu peito
Fizeste
Tornar,
Ao dar-me
Mimosa,
Florinha
Nevada,

Que toda
Amorosa
Colheste
P'ra mim ?

Pois olha,
Me escuta !...
Com todo
Cuidado.
Conservo
Guardado,
No peito
Abrasado,
Aquelle
Nevado,
Mimoso,
Encantaço,
Cheiroso
Jasmim...
Aquelle
Florinha
Tão bella,
Tão pura,
Tão casta,
Singela...
Aquelle
Florinha,
Plantada,
Regada,

Colhida
Do galho,
Por tua
Mãosinha
Tão liza,
Tão branca,
Qual niveo
Marfim...
Aquella
Florinha
Que meiga
Guardas-te
No seio
De neve,
Que nunca
Meus labios
Beijaram,
Que nunca
De leve
Tocaram !

..

..

Piedade,
Meu anjo !
Não faças
Murchar
A flor,
Que em minh'alma
Quizeste
Plantar ; —

Mas vê
Que é preciso
Que sejas
Constante,
Que sempre
Sorrias
Ao ver
Teu amante,
Que chora
Se sentes,
Que ri —
Se te alegras,
Se vives
Contente,
Que vive,
Que morre
Somente
Por ti.



XLIII

SANTA MARIA.

« Bemdita entre as mulheres, » sede o amparo
Dos cegos pelas nevoas da paixão ;
Vertei-lhe a luz do céo no entendimento,
Fallai-lhe ao coração !

(C. CASTELLO BRANCO.)

Maria, pela Cruz, onde Teu Filho
A bem dos homens terminou seus dias,
Por tuas graças, por teu santo nome
Escuta de minha harpa as melodias.

Maria! lá do throno de saphiras
Que brilha sobre o azul de uma outra esphera,
Supplica pela sorte deste povo,
Que as sabñas leis do Filho teu venera.

E n'um sorriso dos teus labios santos,
E dos olhos na luz que te sublima,
Espalha em minha patria os teus favores
E a liberdade que as nações anima.

Sim, Rainha do céu, e pede ao Eterno
A benção sacrosanta para o filho,
Que o contempla do mar na immensidade,
Do Céu nos astros e do sol no brilho.

Maria, pela Cruz, onde Teu Filho
A' bem dos homens terminou seus dias,
Por tuas graças, por teu santo nome
Escuta de minha harpa as melodias.

XLIV

ESPERANÇA MORTA

Lyrá minha ! não me deixes !
Se nenhum bem mais alcanço,
Acharei nos teus acordes
A fonte do meu descanso.

(ALCIPE.)

Amor é canto
Melodioso
D'anjo formoso
De meigo olhar ;

É doce aroma
De flor mimosa,
Mas venenosa
A' se aspirar.

E se no canto
Ha melodia,
Que desafia
Ardente amor,

Tambem as vezes
Elle é fingido
Como o gemido,
Do seductor.

Amor é chamma,
Subtil, ardente,
Que docemente
Nos vem queimar.

Mas quando o peito
Já não tem vida, .
É que a ferida
Nos faz chorar.

Amei incauto
De um anjo a imagem,
Bem como a aragem
Do campo a flor ;

Dei-lhe minha alma,
A vida, tudo,
Minha harpa, escudo
De trovador ;

E o anjo lindo
De face amena,
Não deu-me a pena
De me escutar:

Não quiz a lyra,
Nem quanto eu déra,
Zombou severa
De meu penar !

Hoje é que sinto,
Porém já tarde;
Meu peito arde,
Morre de amor...

Morta a esperan'ca
Nada me inspira...
Quebre-se a lyra
Do sonhador.

Porèm parti-la !...
Minha harpa é linda...
E vivo ainda...
Hei de a quebrar ?

Porque motivo ?
Restem-m'ao menos
Languidos threnos
Que ella vibrar.

Que importa ao mundo
Que eu viva triste ?
Ninguem me assiste
Na minha dor !

Vem pois minha harpa,
Da-me um abraço;
Aperta o laço
De ~~nos~~so amor !

XLV

A POBRE.

Sou pobre, mendigo
E nada me dão
Ninguém se commove,
Nem tem compaixão
Da pobre que geme
Por falta de pão.

E tu, meu filhinho,
De ti que será?
Ninguem por piedade
Um pão se quer dá!
E eu, meu filhinho,
Eu nunca fui má.

Não chores, consola-te!
Um rico lá vem...
Talvez que piedoso
Dará um vintem...
A's vezes os ricos
São nobres tambem.

Senhor, uma esmola
Para esse innocente,
Que morre de fome,
Que geme paciente!...
Um pão só nos basta,
Senhor... sê clemente!

E o rico orgulhoso
De sua riqueza,
E ufano dos tit'los
De tanta grandeza,
Caminha, não pára,
Não ouve a pobreza.

E a pobre, coitada !
Co' o filho nos braços,
A' borda de um lago
Dirige seus passos,
E exhala um suspiro,
Que rompe os espaços.

E quer afogar-se
Sem mais reflexão...
Suspende, mendiga,
Lhe brada a razão,
Mais tarde quem sabe ?...
Terás muito pão.

Então a mendiga,
Que a morte buscava,
Da borda do lago
Co' o filho voltava,
Mas quasi sem vida,
Que a fome augmentava.

Mais tarde se via
De um lado da estrada,
A pobre de joelhos
Ao filho abraçada...
Murmura uma prece...
Não chora... coitada !...

Orava contricta...
Tão santa oração,
Por Deos foi ouvida
Na Etherea manção,
E a pobre e o filhinho
Ao céu, lá se vão...

XLVI

A AÇUCENA.

Pensativa, debruçada
Sobre a lympha prateada
De linda fonte, serena,
Vivia de seu aroma
Mimosa e casta açucena.

Assim, coitada! vivia,
A linda flor que só via
Nas aguas o seu retrato,
Tê qu'um dia eis lhe apparece
Beijaflor tyranno, ingrato.

E o beijaflor ao beijal-a,
Da doce paz foi roubal-a,
E deixou-a em devaneio ;
Pois sorveu-lhe o mel rasgando
Impiamente o casto seio.



XLVII



Exma. Sra. D. Olindina Perpetua da Silveira.

TRIBUTO.

Não internece mais, nem mais commove
Da rôla o triste canto ao fim do dia,
Nem do concliz no trino ha melodia
Que valha a tua voz, quando descantas !...
É doce ao romper d'alva ouvir-se os threnos,
O terno gorgear dos passarinhos,
Que já dispertos, mas qu'inda em seus ninhos,
A Deos enviam doces preces, santas.

É doce ouvir-se ao longe o canto triste,
Que solta ò pescador, singrando as aguas ;
É doce, anima, e suavisa as magoas
Do triste coração do scismador:
É doce ao misantropo que procura
Fugindo do barulho social,
Ouvir entre a floresta virginal
Os sons da frauta do ancião pastor.

É doce, meigo, e encanta o soluçar
Da harpa do trovador apaixonado,
Que alta noite no tumulto sentado
Da amante, que expirou, gemé e delira...
Doce quando ao luar da estrada a margem
Se ouve do sertanejo a cantileira,
Como é doce o perfume que a açucena
Expurge, e aroma o ar que se respira.

É doce o canto com que a mãe embala
O mimoso filhinho entre mil beijos ;
São doce, devem ser, languês harpejos
Dos anjos ao Senhor, no Paraizo...
Mas, amavel, senhora, se desprendes
De teus labios harmonioso canto,
De certo lá no céu o — Verbo Santo —
Folgando de te ouvir, desata um riso.

XLVIII

O VATE E A FLOR.

A' MEU AMIGO

O Dr. Francisco Antonio Pessôa de Barros

Vate.—Formosa flor, que te abriste
De minha harpa aos sons que ouviste,
Diz-me, flor, o que sentiste
No meu tão rouco harpejar ?

Flor.—Ouvi tão doce harmonia,
Tão etherea melodia,
Que sonhando, se dormia,
Despertei por te escutar.

Vate.—Linda flor, o que sonhavas
Se dormindo me escutavas ?
Ou se desperta scismavas,
O que scismavas então ?

Flor.—Scismava que era engraçada,
De mil rivaes invejada ;
E que de ti adorada,
Era meu teu coração.

Vate.—Deixa pois, singela rosa,
Tão gentil e tão vaidosa,
Beijar-te a pet'la mimosa,
Teu doce aroma libar.

Flor.—Deixarei, que me encantaste
Co'os harpejos que entoaste ;
Mas inda a mim não juraste
Que sempre me has de amar ?

Vate.—Formosa flor, innocente,
No peito de um vate ardente
Viverás eternamente,
Que tens de amar o condão.

Flor.—Agora sim, vem beijar-me,
Mas do galho has de levar-me
Comtigo, quero encantar-me
Dentro do teu coração !

XLIX

A CAPTIVA.

(TRADUZIDO DE ESPRONCEDA.)

Já o sol esconde os raios,
O mundo em sombras se offusca,
A ave seu ninho busca,
Busca asylo o trovador.
Tudo calla : em pobre cama
Dorme o pastor venturoso ;
Em seu leito sumptuoso
Agita a insomnia o senhor.

Agita ; mas ai ! repousa
Por fim em seus patrios lares :
E não chora com pesares
Liberdade que perdeu :
 Os campos vê que na infancia
 Deram-lhe horas de contento,
 Seu ouvido ama o accento
 Do paiz em que nasceu.

Não geme illustre oaptivo
Entre douradas cadeias,
Que se bem de encantos cheias
Afiml algemas são. .
 Se triste acaso lamenta...
 Seus amigos em redor,
 Testemunham sua dor,
 Consolam seu coração !

A arrogante, altiva palma,
Que no deserto floresce,
Ao viajor sombra offrece,
Descanço, e grato manjar :
 E, tão sosinha, é querida
 Do arabe errante e féro ;
 Que sempre vai prasenteiro
 A sua sombra pousar.

Mas ai! triste eu sou ! captiva,
Orphãsinha e — suspiro,
Em sólo extranho respiro,
E um extranho amo tambem.
 Não posso ver minha patria ;
 Fumo foram meus amores ;
 Nada acalma minhas dores,
 Em zelos me sinto arder.

Ah ! chorar, chorar ?... não posso
Ceder á minha tristura,
E nem consolo á amargura
Poderei jamais achar
 Soube amar como nenhuma,
 Soube amar correspondida ;
 Desprezada, aborrecida
 Não saberei odiar ?

Adeos, patria, adeus, amores !
A infeliz Zoraida agora
Vingança somente implora
Já condemnada à morrer...
 Não sou já do castelhano
 A submissa namorada ;
 Sou a captiva cansada
 De muito e muito soffrer.

L

NÃO CHORES.

Que fazes, donzella,
Tão meiga, tão bella...
Mas triste a scismar ?...

Acaso de amores
Tu sentes rigores,
Que fazem chorar ?

Que dôr te flagella,
A ti, qu'ès tão bella,
Tão meiga, e tão pura ?

Já sei : ah ! teu peito
A amor é sujeito,
Que da-te amargura !

Não chores, donzella,
Tão casta e singela
Não chores, ah ! não !...

Não chores !... que o pranto
No teu rosto santo,
Me faz compaixão.

LI



Formosa flor vespertina,
És tão bella, tão divina ...
Tão divina...
Que mais não.

És tão docil, tão fagueira,
Tão amavel, feiticeira...
Feiticeira...
Que mais não.

É teu porte tão garboso,
Teu andar tão magestoso...
Magestoso...
Que mais não.

É teu riso tão fagueiro,
Teu olhar tão lisongeiro...
Tão faceiro...
Que mais não.

Sê ó virgem, minha amante...
Eu te amo... e sou constante...
Tão constante...
Que mais não!...

LII

POR QUE ME NÃO AMAS?...

Meiga virgem peregrina,
Tão divina,
Tão divina que tu és!...
Deves ser justa e bondosa,
Caridosa...
P'ra quem se prostra a teus pés!...

Eu amo teu rosto
Formoso, engraçado,
Teus olhos tão vivos,
Tão cheios de luz...
Teus lábios de rosa,
Teu riso encantado,
Teu todo tão bello,
Que tanto seduz.

Eu amo teus finos
Doirados cabellos,
Teu collo de cysne,
O arfar de teu seio...
Teu porte, teus gestos
Tão puros singelos,
Teu todo perfeito
« De amor doce enleio.

E tu qu'és tão bella,
Gentil, seductora,
Que dentro em minha alma
Despotica imperas...
Que fazes da lyra
Me aposses, e sonora
Canção te dedique
De phrases sinceras...

Porque a meus rogos
Tu sempre te esquivas?!...
Porque me não amas?!...
Não vês que me abrasam
De amor as activas,
As fervidas chammas?...

Meiga virgem peregrina,
Tão divina,
Tão divina que tu és!...
Deves ser justa è bondosa,
Caridosa...
P'ra quem se prostra a teus pés!...

LIII

SONETO.

Eu sonhei tanto amor, tantas venturas,
Tantas noites de febre e d' esperança !
Mas hoje o coração desbota, esfria,
E do peito no tumulto descança !

(ALVARES DE AZEVEDO.)

(N'UMA HORA DE TRISTEZA.)

Virgem, que tanto amei, que adoro tanto,
Quando meu corpo desmaiar sem vida,
Na louza em que eu dormir compadecida
Vai ao menos verter saudoso pranto...;

Deixa, virgem, banhar teu rosto santo,
Uma lagrima só, porém sentida,
Que minha alma, entre os tumulos perdida,
— Eu te amo— inda dirá n'um triste canto!

Comtigo chorarão sobre meu leito
Os goivos que brotarem e o cypreste,
Ao lado de meu corpo em pó desfeito...

Dá ao menos ao morto o que uão deste
Emquanto vivo foi, sempre sujeito
A' teus encantos, — esse amor celeste ! —

LIV

DEUS, AMOR, E POESIA.

Eu amo uns olhos quebrados,
Plantados n'um rosto, bellos,
Negros da côr dos cabellos,
Que imitam da noite o véo ;
Amo um sorriso innocente,
Meigamente desprendido,
Amo o roseo colorido
De uma face... que é do céu!...

Amo o olhar de uma virgem
Na vertigem da paixão,
Que parte do coração
Como scintilha divina...

Amo a languidez d'um rosto
Onde o desgosto transluz,
Amo a phrase que seduz
N'uma bôca purpurina !...

Eu amo um peito fiel,
E o mel que uns labios desprendem,
E o perfume que rescendem
Uns castos beijos de amor...

Amo ver adormecida,
Cahida sobre os meus braços,
A mulher que tem os traços
Do pincel do Creador !...

Eu amo um seio de neve
Que leve e doce se agita,
Que o peito do cysne imita
A' nadar do lago ao plaino :

Eu amo a voz que deslisa,
Qual brisa sobre o rozal,
Doce voz angelical
Entre as notas de um piano !

Amo o doce murmurio
 Do rio sobre crystaes,
 Amo a voz dos sabiás
 Descantando ao pôr do sol...
 Eu amo a nuvem formosa,
 Pressurosa em seu correr,
 Quando a tarde vai morrer...
 Quando dorme o gyra-sol!...

Tudo isso é tão sublime,
 Exprime tanta grandeza,
 Revela tanta belleza
 E tão divina harmonia,
 Que pasmo, os joelhos d'obro,
 Recbro fé e esperança,
 E clamo : — é santa alliança.
 — Deos, amor, e poesia ! —

— 1859

AS QUATRO LYRAS.

N. B.: Estes versos teem uma historia: Em fins de 1859, eu, e meus amigos Cesario de Azevedo, Epifanio Bitancourt e Jovinianno Monteiro, passavamos juntos muitas tardes domingueiras; e quasi sempre essas reuniões tinham lugar sob as abobodas das mangueiras e jaqueiras, que povôão os arredores do Hospital *Pedro II*, no *Bairro da Boa-Vista*, desta cidade; então occupando-nos da poesia, ora recitava cada um de nós alguma nova produção, ou empunhando nossas lyras descantavamos em verdadeiro esquecimento da materia, combinavamos os sons de cada uma dellas, e n'um concerto poetico deixavamos escapar alguns harpejos, a um dos quaes demos o titulo do que se lê acima, e que guardei com o fim de publicar em meu livro, para memoria desses tempos, que ja lá vão, e em que tanto me deleitava em tão grata companhia...

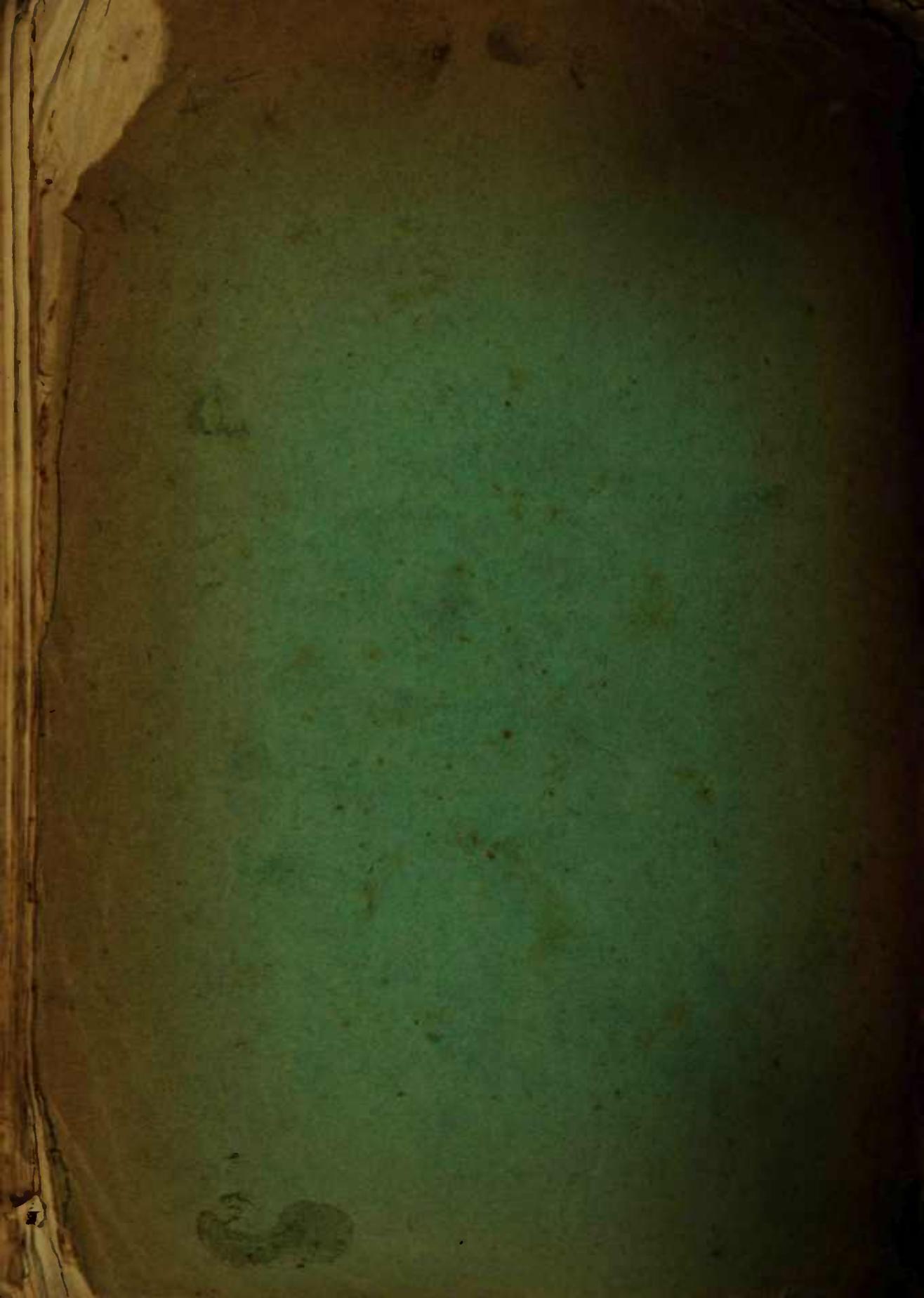
Ah!... e como erão doces os harpejos de nossas quatro lyras?!...

INDICE.

	Pags.		Pags.
Duas palavras a proposito das Flores Singelas, pelo Dr. A. R. de Torres Bandeira.....	IX	XXVII.—A Mariposa...	97
Quadros e typos brasileiros, pelo Dr. M. P de Moraes Pinheiro.....	XIX	XXVIII.—Amor.....	98
Soneto pelo Dr. F. A. Cesario de Azevedo...	31	XXIX.—Retrato.....	103
Duas linhas.....	33	XXX.—Fugiu-me.....	105
Ella.....	35	XXXI.—O Botão de Rosa.....	107
I.—Pernambuco.....	1	XXXII.—Da-lhe nma esmola!.....	109
II.—Guararapes.....	5	XXXIII.—Miragem....	111
III.—Liberdade.....	9	XXXIV.—Porque sou triste.....	115
IV.—A' minha Mãi....	15	XXXV.—Harpejos.....	117
V.—Canção do Trovador	19	XXXVI.—Botão de rosa branca.....	121
VI.—Não posso amar-te.	23	XXXVII.—Scismando..	123
VII.—Garibaldi.....	25	XXXVIII.—Aos annos de D. Clara Maria de Araujo Goes.....	125
VIII.—Anjo.....	29	XXXIX.—A' Garrett....	127
IX.—Só penso em ti....	31	XL.—Enlevo.....	129
X.—A' Associação Typographica Pernambucana.....	33	XLI.—A memoria de meu primo e amigo, João Marinho de Souza Leão Junior.....	131
XI.—Meu peito é nobre.	37	XLII.—O Jasmim.....	133
XII.—Esquece-me.....	39	XLIII.—Santa Maria... 139	
XIII.—Tres anjos.....	41	XLIV.—Esperança morta.....	141
XIV.—Romance.....	45	XLV.—A pobre.....	145
XV.—Fantasia.....	49	XLVI.—A açucena....	149
XVI.—Fragmento.....	55	XLVII.—Tributo.....	151
XVII.—Rêverie.....	59	XLVIII.—O Vate e a flor	153
XVIII.—Esperança....	63	XLIX.—A captiva (Tra- dusido de Espronceda)	157
XIX.—Quinze annos....	67	L.—Não chores!.....	161
XX.—Morrer pôr ella..	71	LI.—.....	163
XXI.—Minha alma é triste.....	75	LII.—Porque me não mas?.....	165
XXII.—A nebulosa.....	80	LIII.—Soneto (n'uma hora de tristesa)....	169
XXIII.—Retrato nos olhos.....	85	LIV.—Deos, Amor e poesia.....	171
XXIV.—Queres ver se te amo?.....	87		
XXV.—Desalento.....	89		
XXVI.—Escuta.....	93		

ERRATA.

<i>Pags.</i>	<i>Linh.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emmendas.</i>
7	17	Casseros	Cazeros
17	2	Rossine	Rossini
»	15	plêago	pêlago
25	2	Innocenso	Innocenzo
33	1	Associação	Associação
58	5	a flores	as flores
»	13	E como*	E' como
69	17	fê-la	fêl-a
75	3	ampliação	amplidão
100	10	d'elles ?!	d'elle ?!
144	8	parti-la	partil-a
159	2	e — suspiro	e — só — suspiro



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).